

PÁGINA 22

INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO

FGV
GVces

NÚMERO 56
SETEMBRO 2011



EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

O futuro da geração presente

Como o aumento da longevidade muda tudo

"ENVELHAÇÃO": quando inovar
é revisitar o passado

CONSUMO: as armadilhas da
obsolescência programada

Universidade Presbiteriana Mackenzie - Mackenzie
Praça Universidade Mackenzie
3 comentários
São Paulo, 06699-000
mackenzie.br
Rota Nesta Área, pesquisar por Salvar em... mais

Lucas Bandeira
Pq o Brasil não importa a siesta da Espanha?
12 minutos ago · Like · Comment

Ruzza Cordano likes this.

Ruzza Cordano Acorda meio dia e ainda quer siesta? :P
11 minutos ago · Like

Write a comment...

Lucas Bandeira
Hora do almoço chegando, mas minha mãe não...

Lucas Bandeira
Fazendo o almoço, atendendo a pedidos do meu estômago.

Lucas B. @ Supermercado da Vila
Fazendo as compras do mês e pagando no outro. Cartão de crédito RULES!

Lucas Bandeira
Vida de estudante é atribulada...

Procurar

Página Inicial Perfil Conta

Winking emoji

ABRIR UMA
CONTA QUE ABRE
SUA CABEÇA.
ESSA É A PROPOSTA
DO JUNTOS.

◀ Lucas Bandeira, Cliente Santander. Ele está no 5º período da faculdade e já tem o cartão internacional Santander Fit.

O Santander Universidades tem um dos maiores programas de apoio ao ensino superior do mundo, com bolsas de estudos, prêmios de pesquisa, inovação e empreendedorismo e uma conta universitária com muitos benefícios:

- SANTANDER MASTER: CHEQUE ESPECIAL COM ATÉ 10 DIAS SEM JUROS POR MÊS
- CARTÃO INTERNACIONAL SANTANDER FIT: SEU JEITO, SUA ESCOLHA
- LIMITE DE CRÉDITO PRÉ-APROVADO
- 3 ANOS DE BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS APÓS A FORMATURA

Como sua bagagem prepara você para o mundo? Responda em nosso site e abra sua conta. Tem banco. E tem o banco do juntos.



VALORIZANDO IDEIAS POR UMA VIDA MELHOR

Central de Atendimento Santander: 4004-3535
SAC: 0800-762-7777 / Ouvidoria: 0800-726-0322

www.santander.com.br/universidades

Todas as ofertas deste material são atualmente praticadas pelo banco e usufruídas exclusivamente pelo segmento universitário, estando sujeitas a análise de crédito e manutenção das condições cadastrais e creditícias à época da contratação; tais ofertas podem ser alteradas, suspensas ou extintas a qualquer tempo. Consulte previamente o Custo Efetivo Total (CET) e a taxa efetiva anual de juros de suas operações de crédito com seu gerente, pelos nossos telefones ou acessando nosso site. Santander Master: (i) o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) referente ao período utilizado do cheque especial será sempre devido e, portanto, debitado no primeiro dia útil do mês subsequente ao de ocorrência dos fatos geradores, conforme legislação em vigor; (ii) se o 11º dia for um sábado, domingo ou feriado, o depósito para cobrir o saldo devedor deverá ser feito e estar disponível na conta corrente no dia útil anterior, para que não exista cobrança de juros; o mês refere-se ao período de apuração da utilização do cheque especial, conforme a data escolhida pelo cliente para pagamento dos juros; os 10 (dez) dias sem juros são parte do Programa de Relacionamento, composto de condições comerciais concedidas pelo Santander, variando conforme o pacote de serviços contratado a critério do cliente; o cancelamento do pacote de serviços cessará imediatamente todos os benefícios do Programa de Relacionamento. Consulte o valor da anuidade do cartão de crédito com seu gerente, ou pelos nossos telefones ou acessando o site. Consulte as instituições de ensino superior participantes dos Programas de Bolsas de Estudos, e seus respectivos períodos de inscrição, no site www.santanderuniversidades.com.br.

Nós e o copo de chá

Nada é completo, nada é perfeito, nada é permanente. Ao conjunto dessas três visões de mundo dá-se o nome de wabi-sabi, estética japonesa que cultiva a beleza do transitório, do inacabado, do assimétrico, do irregular. A ética dessa estética reúne o simples, o austero, o singelo, a modéstia, a finitude.

Valores que parecem tão distantes para uma cultura ocidental que levou às últimas consequências a estética grega, admiradora da perfeição e da simetria das formas. Sobre as colunas greco-romanas acabamos construindo de forma distorcida um ideário perverso, que faz o homem buscar tantos superlativos, a ponto de negar o curso natural da vida, em especial a mortalidade.

Assim, erigimos uma civilização do exagero, com o homem no centro de tudo buscando a todo tempo o controle da situação. O super-homem que altera e domina a natureza, que guarda as chaves da juventude, que se julga um herói capaz até de “salvar o planeta”.

Mas é em um copo de chá rústico, de superfície rugosa, que se encerra a sabedoria wabi-sabi. A cerâmica do copo um dia se quebrará, e seu conteúdo tomará outros formatos, posto que é líquido.

Nesta edição de quinto aniversário, que mais ainda nos faz pensar sobre a passagem do tempo, PÁGINA22 inspira-se no wabi-sabi para trazer provocações a uma sociedade que a cada dia está mais envelhecida, mas valoriza como nunca o jovem, a perfeição do corpo, o novo e o eterno.

Entretanto, como nada é permanente, há espaço para mudanças de visão, e quem sabe esse resgate oriental tenha muito a nos ensinar.

Boa leitura!

16 ENTREVISTA Elza Soares diz que vê o envelhecimento na classe mais pobre, desprotegida, de onde saiu. "Essa, sim, envelhece"

20 IDOSOS O envelhecimento da população implica rever tudo: mercados, economia, políticas públicas, comportamentos. O primeiro passo é reconhecer que a idade chegará para todos

34 "ENVELHAÇÃO" Frequentemente, a inovação não passa de um reinventar da roda

40 DEMOGRAFIA Da disparidade entre os olhares ambiental e econômico sobre o tema, emerge um bom debate sobre qualidade do desenvolvimento

46 CONSUMO Mudar valores e migrar para uma economia de serviços são maneiras de escapar da obsolescência programada dos produtos

Seções



- 06 Notas
- 08 Estalo
- 10 Web e Cultura
- 12 Economia Verde
- 27 Análise
- 39 Coluna
- 45 Artigo
- 50 Última

CAPA Fotografia: Lucas Cruz



Caixa de entrada

Comentários de leitores recebidos por email, redes sociais e no site da PÁGINA22

INBOX

[Reportagem: "As variáveis do cardápio" – edição 55] Tenho dúvidas sobre até que ponto conseguiremos alimentar de fato os 9,2 bilhões de pessoas em 2050...

Trabalho com tomate e vejo que o ganho de produtividade de grandes culturas está alcançando o seu limite. Por mais que a biotecnologia/ insumos/defensivos tenha feito excelente trabalho, a Terra tem um limite. No lado da demanda, os alimentos competirão cada vez mais com fontes de energia + crescimento populacional + aumento de consumo per capita. No lado da oferta, está cada vez

mais difícil prever o volume de safras (efeitos do aquecimento global), o que faz com que o preço dos alimentos oscile bastante.

Gustavo Ono

[Post: "Próximo round: Tapajós" – Blog da Redação] A usina-plataforma não passa de retórica. O complexo de barragens reproduzirá os conhecidos problemas socioambientais nas cidades mais próximas. A barragem principal, localizada a apenas 55 quilômetros de Itaituba (PA), deverá destruir os melhores predados do Parque Nacional da Amazônia e fulminará três comunidades tradicionais que

ocupam as vilas de São Luiz do Tapajós, Pimental e Vila Rayol. Ao final das obras, o desmantelamento da sua infraestrutura de suporte trará a conhecida "ressaca" social, o que aumentará o já preocupante índice de violência no Oeste do Pará. Mas, antes de tudo, é preciso questionar se necessitamos de mais usinas ou de um programa consistente de racionalização do uso e conservação de energia no Brasil, contrariando os grandes interesses financeiros que movem a febre de obras. Milton Dines

OUTBOX Para avançar no debate sobre hidrelétricas na Amazônia,

confira as reportagens "Remake" (edição 54) e "Caravana sem fim" (edição 39).


LÁ EM CASA – QUEM FAZ PÁGINA22

Mario Monzoni, coordenador do GVces Apesar da agenda sempre lotada, Mario é presença infalível nas reuniões que definem o conteúdo editorial da revista. Além disso, acompanha o processo de produção de cada edição, da pauta à impressão. Até agora, foram mais de 50 vezes em que inspirou, orientou, e contribuiu para rechear essas páginas com informação e olhar diferenciados, fazendo da revista um bem público a serviço da sociedade, oferecido pelo GVces. Este mês de aniversário da revista é também do GVces, que completa 8 anos sob a batuta de um homem de perfil empreendedor, sem o qual PÁGINA22 não teria sido fundada, incubada e gestada.



PÁGINA22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury



Centro de Estudos em Sustentabilidade da EAESP

COORDENADOR Mario Monzoni
COORDENADOR ACADÊMICO Renato J. Orsato

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini
EDITORA Amália Safatle
SUBEDITORA Carolina Derivi
REPÓRTERES Davi Carvalho e Thaís Herrero

EDIÇÃO DE ARTE Dora Dias (Vendo Editorial)
www.vendoeditorial.com.br
EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA Lucas Cruz
CONCEITO DO PROJETO GRÁFICO Rico Lins
ILUSTRAÇÕES Sírio Braz
REVISOR José Genulino Moura Ribeiro
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Ana Cristina d'Angelo, André Fossati, Eduardo Geraque, Fábio Rodrigues, Flavia Pardini, Gisele Neuls, José Alberto Gonçalves Pereira (edição e textos de Economia Verde), Nanda Barreto, Ricardo Abramovay, Thiago Hector Kanashiro Uehara
ENSAIO FOTOGRÁFICO Edson Luciano

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Amália Safatle (MTb 22.790)

ANUNCIE


COMERCIAL E PUBLICIDADE
COORDENAÇÃO Jorge Saad
CONTATO Livia Barros
(11) 3807-7084 / conexao@aiue.com.br

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Itararé, 123 - CEP 01308-030 - São Paulo - SP
(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br
www.fgv.br/ces/pagina22

CONSELHO EDITORIAL
Aerton Paiva, Ana Carla Fonseca Reis, Aron Belinky, Eduardo Rombauer, José Eli da Veiga, Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi, Ricardo Guimarães, Rico Lins, Roberto S. Waack


IMPRESSÃO Vox Editora Ltda.
DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.000 exemplares

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por colaboradores expressam a visão de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto de vista de PÁGINA22 e do GVces.



MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C044008

A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORESTAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS

 PÁGINA 22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL, ADEMIU À LICENÇA CREATIVE COMMONS BY-NC-ND. É LIVRE A REPRODUÇÃO DO CONTEÚDO –EXCETO IMAGENS – DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.

[AUTOMÓVEIS]

Imposto por quilômetro

A partir de setembro, a Bélgica começará testes com 50 motoristas para avaliar a implantação de um imposto que cobraria deles um valor proporcional à frequência de uso do carro e às distâncias percorridas. Se aprovada, a taxa deve substituir as que hoje estão embutidas na compra de veículos e combustível.

A medida visa recolher dinheiro para a manutenção de estradas, mas, sobretudo, incentivar as pessoas a repensar se devem mesmo usar o carro antes de girar a chave no contato – diminuindo, assim, a poluição gerada pelos motores, o desgaste nas vias e o trânsito. Previsões apontam que, em 2020, as ruas belgas terão o dobro do tráfego atual.

Esse tipo de imposto já é estudado em outros países, como a Alemanha, França e em estados americanos. No Oregon, por exemplo, há uma proposta de lei propondo que, em 2015, os motoristas

paguem 0,85 centavos de dólar por milha e, em 2018, US\$ 1,56. A Holanda já até realizou testes com centenas de motoristas.

Conforme publicado no jornal *The New York Times*, muitos holandeses acham que o imposto fere a privacidade, já que o governo rastrearía os carros pelo sistema de GPS ligado à internet. O ano de 2012 era o previsto para início da cobrança, mas, no ano passado, a proposta foi engavetada devido mudanças nas bases de apoio do governo.

Segundo estudo do governo holandês, entre 60% e 70% das pessoas teriam menos custos com os impostos dos veículos. Lá, a taxa levaria em conta também a eficiência do carro, a hora do dia e da rota usada no deslocamento – optar por vias movimentadas custaria mais do que dirigir em estradas. – **POR THÁIS HERRERO, COM INFORMAÇÕES DO THE NEW YORK TIMES**



[MANEJO]

TEMPO PARA AS ÁRVORES

Uma pesquisa da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo, coloca em xeque as atuais legislações de manejo florestal para exploração de madeira na Amazônia. Atualmente, as árvores de reflorestamento aguardam 30 anos até que sejam derrubadas. Segundo o estudo, realizado em Paragominas (PA), para as espécies com maior valor comercial – justamente com poucos exemplares e crescimento mais lento –, como o ipê-roxo, o freijó-cinza e o cedro-vermelho, esse ciclo de três décadas é insuficiente para que todo o volume retirado seja repostado. O jatobá, por exemplo, leva entre 60 e 75 anos para estar maduro para comercialização. Com a lei de hoje, as árvores não conseguem manter o seu valor produtivo e as espécies com menor valor comercial e crescimento rápido tomam o lugar das mais valorizadas, empobrecendo a floresta.

Segundo Max Roncoletta, analista

de conservação florestal do WWF-Brasil, o estudo sugere o desafio de revisar a legislação de manejo para que sejam incluídas as especificidades de cada espécie vegetal. Deve haver um plano para toda a floresta e outro para cada tipo de árvore, de acordo com seu crescimento. Para ele, o prazo previsto, de 30 anos, mantém o estoque de vegetação para que os madeireiros tenham produto, mas não garante a biodiversidade. “Está de acordo com o ideal econômico, mas não com o ecológico”, diz. (TH)

[VESTUÁRIO]

ETIQUETA DA BOA CONDUTA

Há dois anos a indústria de vestuário paulista é fiscalizada pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de São Paulo (SRTE/SP), como forma de punir e evitar o uso de mão de obra ilegal em confecções. A partir disso, cerca de 200 processos registraram casos de analogia à escravidão – entre eles o que, em agosto,

flagrou condições de trabalho degradantes em confecções da rede espanhola Zara. Na mesma semana, a Associação Brasileira do Vestuário (Abravest) lançava uma versão revisada do selo que regulamenta a produção de roupas no País.

A certificação, que já abrangia normas técnicas e padronização de tamanho, matéria-prima, qualidade da costura e as informações das etiquetas, agora, vai também considerar o compromisso das redes varejistas com a mão de obra.

Celina Almeida, consultora do Instituto Totum, que fará as auditorias, afirma que é uma tentativa de coibir o trabalho ilegal e incentivar as empresas a escolherem os fornecedores com infraestrutura adequada para produção e equipe compatível com a atividade. As confecções serão auditadas cerca de três vezes por ano. A etiqueta da boa conduta deve chegar às lojas até o fim de 2011. Por enquanto, a Abravest está cadastrando as marcas interessadas em ter a certificação. (TH)

[ENERGIA SOLAR I]

PAINÉIS NA BATALHA

A carga que um soldado carrega atualmente é pesada. E não estamos falando só das agruras de guerras que parecem infindáveis em ambientes inóspitos, como as do Iraque e do Afeganistão. Para garantir suas habilidades táticas e sobrevivência, cada soldado carrega cerca de 40 quilos em equipamentos e baterias para mantê-los funcionando. A Australian National University (ANU), para ajudar a aliviar essa carga, desenvolveu painéis solares ultrafinos que podem ir a campo com os soldados.

Chamados de Sliver, os painéis são da espessura de uma folha de papel e podem ser afixados no capacete, na mochila, no uniforme ou nas barracas. Com os painéis, os soldados geram sua própria energia em campo e

reduzem a necessidade de carregar baterias. A ANU recebeu 2,3 milhões de dólares australianos do Departamento de Defesa do país para desenvolver a tecnologia, que também é comercializada por uma empresa americana. A Austrália participou da invasão do Iraque em 2003 e, atualmente, tem 1.500 soldados no Afeganistão. – **POR FLAVIA PARDINI**

[ENERGIA SOLAR II]

EM BUSCA DA PARIDADE

Não é só nos campos de batalha que a energia solar está mais acessível. No começo de agosto a China anunciou uma política para incentivar a geração de energia solar, incluindo o estabelecimento de uma tarifa *feed-in*, que garante preço básico para os geradores, sejam para operações comerciais, sejam para painéis solares nos

telhados das residências. No final do mês, o Japão seguiu o exemplo e divulgou pacote semelhante para todas as renováveis, com incentivos especiais para a solar.

Em entrevista à revista *Forbes*, Andrew Beebe, chief commercial officer da Suntech – a maior produtora de painéis solares do mundo –, previu que a energia solar atingirá paridade com a rede em metade dos mercados mundiais até 2015. A paridade com a rede significa que a energia gerada por meio alternativos é tão barata quanto a gerada por meios convencionais e distribuída pela rede.

O Climate Group, uma ONG que promove as energias renováveis como forma de cortar emissões de gases de efeito estufa, acredita que as medidas na China e no Japão podem provar-se um *tipping point* para as renováveis mundialmente. (FP)

[SUSTENTABILIDADE]

Adeus a Ray Anderson

O movimento pela sustentabilidade perdeu um de seus arautos. Ray Anderson, fundador da Interface Inc., uma das maiores fabricantes mundiais de carpetes modulares, faleceu em 8 de agosto, aos 77 anos. Questionado sobre sustentabilidade por um cliente, em 1994, Anderson foi procurar a resposta no livro *The Ecology of Commerce*, de Paul Hawken. A partir daí, converteu-se à causa verde e transformou sua companhia em um dos pilares da sustentabilidade no ambiente corporativo. Um dos desafios que a companhia persegue é zerar sua pegada ambiental até 2020. Para homenageá-lo e manter sua visão viva, a Interface lançou o blog raycandersonblog.com. (FP)



FALA, LEITOR

HISTÓRIAS E IDEIAS DE QUEM LÊ PÁGINA 22



Se você deseja participar desta seção, escreva para LEITOR@pagina22.com.br e conte um pouco sobre você e seus projetos. Para se comunicar com Gilvan Tessari, escreva para gilvantessari@gmail.com

Respeito ao meio ambiente e uso consciente dos recursos são práticas que guiam o catarinense Gilvan Tessari desde a adolescência, quando decidiu que iria trabalhar naquilo que sabia fazer bem. Há 12 anos ele está em uma empresa fabricante de equipamentos para usinas geradoras de energia.

Morador de Florianópolis, Gilvan usa sua bike para ir ao trabalho e para a faculdade – apesar das dificuldades, como o excesso de carros e poucas ciclovias. Ele é um dos poucos. No polo industrial onde trabalha, há cerca de 5 mil funcionários, mas, devido às dificuldades de locomoção, o bicicletário com oito vagas nunca tem mais que três bicicletas.

Nas horas livres, Gilvan edita o blog *sinestesia*, onde escreve sobre cultura, política e o que chama de “filosofia de boteco”, ou divagações sobre experiências acumuladas em seus 37 anos de vida.

O ambiente de inovação e uma especialização em desenvolvimento impulsionam a busca de Gilvan por informações. Para se informar, ele usa as novas mídias e critica as coberturas superficiais e a banalização do tema sustentabilidade. “Há muita coisa sendo escrita e produzida sem critério e sem preocupações verdadeiras com o planeta”, diz.

Causa incômodo no projetista ler, por exemplo, sobre o etanol e não encontrar a ressalva de que o adubo usado na cana é

subproduto do petróleo. Entusiasta das usinas eólicas, Gilvan critica a falta de informação sobre os insumos necessários à produção dos geradores. Ele se lembra do uso disseminado de terras raras importadas da China, que contêm alto índice de radioatividade e requerem proteção aos trabalhadores de minas. Esses elementos são fundamentais para o desenvolvimento das chamadas tecnologias verdes.

Sonhador, Gilvan espera um dia que o discurso do ambientalmente correto e socialmente justo vire realidade. Ele se diz cansado de acompanhar discussões sobre o tema e ver o consumo e os hábitos continuarem os mesmos, como se nada estivesse acontecendo. **POR DAVI CARVALHO**

Trocas no tempo

O Time Bank não faz transações monetárias ou empréstimos sujeitos a juros. Seu capital são as horas de que seus clientes dispõem para prestar – e contratar – serviços na comunidade **POR THAÍS HERRERO**

Não é novidade que tempo é dinheiro, mas o que você acha de fazer uma poupança de horas? É isso o que fazem os Time Banks, os “bancos de tempo”, onde se depositam horas de tarefas, como dar uma carona ao filho do colega de trabalho ou pintar a casa do vizinho. Cada hora é trocada por outros favores, basta que você telefone ou escreva um email oferecendo o que pode fazer para a comunidade e pedindo o que precisa. Os dados são cruzados e os “bancários” entram em contato com as pessoas envolvidas na “transação”.

O primeiro Time Bank foi aberto em meados dos anos 90 nos Estados Unidos e, hoje, estão presentes em 26 países como Chile, Coreia do Sul e Israel. Só no Reino Unido são 108. (Mas ainda não existem no Brasil.) Surgiram para tratar das movimentações da moeda criada pelo americano e professor universitário de direito e justiça, Edgar Cahn: o *time dollar*.

Cada *time dollar* equivale a uma hora de serviço prestado, não importa se intelectual ou físico. A proposta vale-se de um antigo componente da literatura econômica: o capital social, fruto da interação entre pessoas que gera confiança mútua e trocas de favores eventualmente tão valiosos quanto os serviços contratados. Com a riqueza da solidariedade, é possível ter um impacto real na qualidade de vida e no desenvolvimento de uma comunidade.

Foi por meio do Time Bank que médicos americanos de Allentown, no estado da Pensilvânia, aprimoraram a comunicação com os imigrantes latino-americanos que não têm o inglês fluente. Eles oferecem um curso para que os pacientes que já dominam a língua inglesa se tornem tradutores e os ajudem. “Estamos aumentando o número de pessoas competentes para serem intérpretes, não apenas dando a elas uma habilidade para a vida, mas uma habilidade que terá valor para a comunidade”, disse o diretor do Hospital Lehigh Valley, Eric Gertner.



Para a economia não monetária, tão importante quanto o motorista do ônibus, o policial e o sistema de saneamento básico que beneficiam diretamente e economicamente as cidades são ações como a transmissão de valores, a preservação de memórias, compartilhamento de recursos limitados e a redução da poluição do ar, que criam uma cultura de bem-estar social. “Se esses componentes fossem valorizados em termos monetários, iriam aumentar o produto interno bruto nacional em pelo menos 50%”, diz Cahn em seu artigo *The non-monetary economy* [1].

Outros Time Banks têm trocas variadas que dependem das necessidades de cada comunidade. Vizinhos e amigos de infância trocam favores que antes eram delegados a terceiros e que custavam dinheiro, como cuidar do cachorro por uma noite ou consertar o carro. Qualquer comunidade ou grupo ao redor do mundo pode abrir uma agência, mas deve seguir os guias que ensinam passo a passo o fundamento e os valores por trás desse sistema.

Nos princípios do Time Bank está a inclusão de todos os indivíduos da sociedade, inclusive aqueles considerados

improdutivos. Idosos, crianças, deficientes físicos e adultos fora do mercado de trabalho devem ter espaço para exercer atividades benéficas para a coletividade, ideia que Cahn desenvolve em seu livro *No More Throw-Away People: The Co-Production Imperative* (“Não mais pessoas descartáveis – o imperativo da coprodução”, em tradução livre).

No bairro do Brooklin, na cidade de Nova York, o filho de Mary Berentz recorreu ao banco para achar um voluntário disposto a simplesmente bater papo com a mãe, uma polonesa de 86 anos já sem saúde para sair de casa. Ela adora lembrar suas histórias, mas só fala a língua da terra natal. Julia Marling, de 85 anos, cega e também polonesa, foi quem se dispôs quando percebeu que, após receber muita ajuda, era sua vez de retribuir. Elas se tornaram grandes amigas e, hoje, passam horas ao telefone contando histórias e cantando canções populares da Polônia.

É como se precisássemos de um agente para nos lembrar do quão bom é conviver em grupo, fazer e receber favores e ter amigos por perto. O melhor é que o investimento é gratuito e o lucro, garantido. [2]

COLÉGIO

“ UM AMBIENTE PARA SUA ATITUDE,
UMA ATITUDE PARA O SEU AMBIENTE. ”

ENCONTRE PESSOAS QUE
COMPARTILHAM A
MESMA CAUSA QUE VOCÊ EM
WWW.CONEXAOSOSMA.ORG.BR
E SAIBA MAIS EM
WWW.SOSMA.ORG.BR

VENHA FAZER DIFERENTE!



POR THAÍS HERRERO

PRATA DA CASA

Sacola furada

Desvendar qual seria a melhor sacola para carregar compras causando o menor impacto no meio ambiente não é tarefa trivial. Quem, logo de cara, pensa que as *ecobags* são a escolha certa espanta-se com os resultados apresentados pelo Instituto Akatu, em estudo lançado em agosto: dependendo dos hábitos de consumo e da rotina de idas ao supermercado, as sacolas plásticas seriam mais “eficientes” que as demais alternativas. Intrigada com a questão, PÁGINA22 investigou os resultados mais a fundo – afinal, os sacos plásticos transformaram-se em espécie de símbolo do consumo impensado de materiais que levam séculos para se decompor.

A primeira surpresa foi constatar que o estudo em questão admite apenas o período de 1 ano como ciclo de vida das sacolas. “Não consideramos todo o ciclo, porque ninguém sabe exatamente quanto tempo o plástico demora pra se decompor. E só trabalhamos com dados oficiais”, justificou Emiliano Graziano, gerente de eficiência da Fundação Espaço Eco, que assina as conclusões.

O cenário levado em conta para avaliar os impactos do descarte – aterro sanitário ou reciclagem – também é distante da realidade brasileira. O estudo *Eficiência das sacolas de supermercado* foi encomendado pela Braskem, fabricante da resina termoplástica. A Fundação Espaço Eco, por sua vez, é vinculada à empresa química Basf. Confira a reportagem completa em fgv.br/ces/pagina22.



VALE O CLICK 
ARQUIVO VIVO

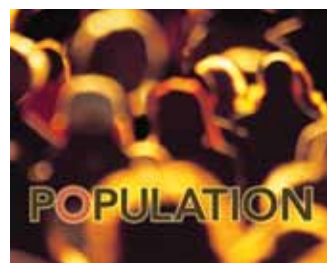
Desde setembro de 1986, semanalmente, uma personalidade é entrevistada no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. Esse registro do pensamento contemporâneo e de sua evolução está disponível no site do projeto *Memória Roda Viva*, onde se encontra a transcrição de mais de 700 entrevistas. Várias pessoas passaram pela sala redonda mais de uma vez, o que torna os registros ainda mais interessantes e um arquivo histórico. rodaviva.fapesp.br

PSICODELIA NAS ROCHAS

O geólogo italiano Bernardo Cesaro desvendou cores incríveis e fluorescentes em rochas. Ele fotografa fragmentos com a espessura de 1 milionésimo de metro e usa um microscópio e luzes polarizadas. As fotos já ganharam prêmios, mas ele afirma que o verdadeiro artista é a rocha. “Eu ajudo a dar vida às cores, mas os formatos e texturas já estão lá.” microscopica.org

RAIOS X DA DEMOGRAFIA

O jornal científico *Science* publicou um especial sobre demografia que levanta o debate sobre os desafios e oportunidades gerados pelo aumento da população mundial. Parte da produção está disponível de graça. Há textos, vídeos e podcasts. Vale o documento sobre a evolução da densidade demográfica desde o período Neolítico até os dias atuais. sciencemag.org/site/special/population



OBSERVATÓRIO ANIMAL

A organização Wildlife Direct é um site que abriga 75 blogs de projetos de proteção animal na África. A fundadora queniana Paula Kahumbu achou na internet o lugar ideal para dar voz às pessoas que arriscam suas vidas para salvar animais e ainda coleta doações. Há blogs, por exemplo, sobre a defesa de elefantes em Botsuana e chimpanzés em Serra Leoa, e entre os posts há relatos das aventuras de grupos conservacionistas, notícias de apreensões de marfim ilegal e

fotos de filhotes resgatados das mãos de traficantes. Em agosto, um blogueiro denunciou uma onda de envenenamento de leões no Quênia, praticada por donos de gado. As doações vão diretamente para os projetos e pagam desde equipamentos para viagens até salários de guardas florestais. Segundo Paula, ao acompanhar os blogs, tem-se um mapeamento de ameaças à vida selvagem africana. wildlifedirect.org

FILME DE FICÇÃO E UM EMBATE REAL

O ano de 2011 é de comemoração para três das principais ONGs ambientalistas internacionais. Greenpeace e Amigos da Terra fazem aniversário

de 40 anos e WWF, de 50. Como parte das atividades desse ano especial, o WWF lançou o curta-metragem *Astonish me* (ou *Supreenda-me*). No filme, um garoto faz um passeio por um museu e se depara com novas espécies de animais descobertas recentemente. Todas são reais e extraordinárias – dignas de filmes de ficção. A moral da história é que, enquanto 15 mil espécies são descobertas todos os anos, muitas outras já foram extintas ou estão em perigo e, para que possamos ter o privilégio de conhecer mais animais surpreendentes que a natureza abriga, primeiro devemos cuidar do que já conhecemos. www.wwf.org.uk

POR ANA CRISTINA D'ANGELO (ANA@PAGINA22.COM.BR)

Belém na rota da cultura eletrônica

Se o Brasil é *hype* lá fora, o Pará é pura moda no País. O tecnobrega está se espalhando que é uma maravilha e vai se besuntando de misturas em cada lugar onde chega. Sendo assim, é natural que Belém receba neste começo de setembro o Fórum Vivo arte.mov Eletronika – Arte, Música, Tecnologia e Conectividade. Um nome gigante para abarcar tudo o que está sendo feito e pensado de mais instigante nessas áreas todas, concomitantemente ou não.

É a primeira vez que o festival sai de Belo



Horizonte, onde foi gestado. O trabalho de artistas locais terá destaque na programação, propiciando debates que relacionem novas tecnologias às produções artísticas, em

diálogo com nomes de todo o país que estão atentos a essas transformações.

Esta edição em Belém busca traduzir o contexto complexo e rico da criação artística na cibercultura, em processos interativos, coletivos e planetários, as principais questões do universo digital contemporâneo e seus desdobramentos práticos e teóricos em produções multimídia, as fronteiras entre arte e tecnologia. Além dos *sets* sonoros, o evento traz concertos audiovisuais, arte digital, instalações, exposições, palestras e debates.

Literatura, pão e poesia

O poeta e agitador cultural Sérgio Vaz acaba de lançar seu sétimo livro. Para quem ainda não conhece, Sérgio é um dos criadores do Sarau da Cooperifa, um movimento que transformou o bar do Zé Batidão, em Piraporinha, na periferia sul de São Paulo, em grande centro cultural, reunindo pessoas em torno da poesia e da palavra.

Neste *Literatura, Pão e Poesia*, Vaz retrata em crônicas e poemas o cotidiano inspirador do “povo lindo e inteligente da periferia”, como gosta de dizer e que ele conhece tão bem. Para a professora Heloisa

Buarque de Holanda, autora do texto de apresentação, “para quem trabalha com tendências ou fica de olho nos novos horizontes da literatura, não há como não se dar conta da chegada da literatura marginal ou periférica, que veio com força e garra na virada do milênio”.

O poeta da periferia conta também com um posfácio escrito pela premiada jornalista Eliane Brum: “Sérgio Vaz é, ele mesmo, o criador daquela que talvez seja a maior poesia viva deste país – o Sarau da Cooperifa”.

Histórias que ficam

A Fundação CSN selecionará quatro projetos inéditos de documentários com o tema “Memória”. Além do patrocínio de até R\$ 300 mil para cada produção, o programa “Histórias Que Ficam” vai dar consultoria durante todas as etapas de realização dos filmes. Vale para diretores iniciantes, com até um longa-metragem na carreira. Cada contemplado deve ser de uma região do Brasil, dentro da política de contribuir para a descentralização da produção audiovisual. Depois de finalizados, os documentários participarão de um circuito de exibição itinerante, em praças públicas de cidades Brasil a fora. A opção primeira será por cidades com até 100 mil habitantes nas quais não haja sala de cinema. Inscrições até 13 de outubro, em historiasqueficam.com.br

E a razão derreteu

Se René Descartes tivesse vindo ao Brasil na caravana de Maurício de Nassau? A partir da louca premissa, Paulo Leminski criou uma de suas mais difíceis e criativas experiências narrativas, o romance-ideia *Catatau*. E sobre a fantástica literatura de Leminski, o cineasta Cao Guimarães se debruçou para uma livre adaptação que resultou em *Ex-Isto, o filme*. Com o ator João Miguel interpretando um delirante René Descartes perdido na selva brasileira, *Ex-Isto* oferece uma aventura estética sensorial, com cenas surpreendentes – como o primeiro encontro do célebre matemático e filósofo francês com uma abóbora madura numa feira de rua do Recife.

O “penso, logo existo” – frase-símbolo da lógica cartesiana que se tornou popular – vai por água abaixo, enquanto Descartes desfruta, derrete e adoce sob o calor dos



trópicos. Assim, também a respiração do espectador sai do modo acelerado e ganha ritmo meditativo, ao passo que se deixa conduzir pela estranheza e beleza desse embate racional/natural, literatura/cinema.

No turbilhão, três frases perturbadoras: “Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros?” “Nunca me deixe passar por acordado, tendem a provar que existo.” “Ver é uma fábula.” Em cartaz em São Paulo, Rio, Porto Alegre, Salvador, Santos e Fortaleza.

Guardiões da **mata** : Pagamento por conservação da água já soma cerca de R\$ 20 milhões ao ano EDUARDO GERAQUE

Os produtores rurais começam a construir uma percepção cada vez mais sólida de que proteger a água e as matas pode significar uma importante fonte extra de recursos. Dezenas de iniciativas em curso mostram que a conservação ambiental funciona como complemento significativo à renda principal do produtor. Segundo estimativa da ONG The Nature Conservancy (TNC), a receita gerada pelo chamado pagamento por serviços ambientais (PSA) já movimentou mais de R\$ 20 milhões em um ano no País – a grande maioria em projetos ligados à conservação da água, efetivamente pagos ao produtor. Somem-se a isso os R\$ 10 milhões que começarão a ser pagos pelo Programa Bolsa Verde, remunerando famílias que vivem da exploração sustentável da floresta. Menos de cinco anos atrás, o pagamento por serviços ambientais não passava de alguns poucos milhares de reais nos projetos pioneiros, que não chegavam a meia dúzia.

Ainda é pouco, quando comparado ao ICMS Ecológico, que está ao redor dos R\$ 600 milhões ao ano (no cálculo de PSA, a TNC não considera o ICMS). Entretanto, a forma como os projetos de pagamentos aos produtores se desenrolaram nos últimos anos – com muitas ações novas surgindo e dinheiro para sustentá-las – permite à TNC estimar que esse segmento da economia verde poderá até triplicar nos próximos cinco anos. “Os projetos de PSA, no geral, estão andando bem, dando retorno aos produtores”, afirma Fernando Veiga, gerente de serviços ambientais da TNC. Segundo ele, os projetos ligados à

água começaram em 2005 e, hoje, também existem ações para a compensação da emissão de carbono e de proteção à biodiversidade em processo de implantação.

A Mata Atlântica, bioma que registra mais projetos, tem por volta de 80 programas catalogados, entre os implantados ou em desenvolvimento. Grande parte do dinheiro usado até agora nos projetos vem dos cofres públicos. A lei pela cobrança da água, por exemplo, é uma das ferramentas usadas.

Segundo Veiga, os projetos de pagamento voltados principalmente para a conservação ou restauração ambiental servem como “pano de fundo” para que vários tipos de instrumentos de remuneração possam ser usados no dia a dia. “Os projetos de Redd (*Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação*) e os do MDL (*Mecanismo de Desenvolvimento Limpo*), por exemplo, reconhecem a inter-relação entre ecossistemas e emissão dos gases de efeito estufa.” Essas formas de pagamento remuneram os detentores de ativos florestais quando eles não desmatam, deixando de emitir carbono, ou quando restauram, ou seja, fazem o sequestro dos gases.

Um dos projetos em curso envolve produtores rurais de duas cidades paulistas que mantêm sua atividade principal e recebem a renda extra do PSA. Os municípios de Joanópolis e Nazaré Paulista abrigam grandes mananciais de água do Sistema Cantareira, que abastece a Região Metropolitana de São Paulo. São 13 pequenos e médios produtores de leite ou de madeira, que recebem

desde 2009 entre R\$ 25 e R\$ 125 por hectare/ano, dependendo do serviço que prestam. A remuneração é feita apenas sobre a área realmente conservada ou restaurada, sendo proveniente da cobrança pelo uso da água já implantada nas bacias estaduais dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá. A boa conservação da mata ciliar, nesse caso, é o que remunera mais. A renda tradicional dos proprietários varia de 1 a 3 salários mínimos ao mês. Nas propriedades maiores, existe a possibilidade, ainda teórica, de que o produtor praticamente empate sua renda agrícola com a extra, obtida pelos serviços ambientais.

Mas também há vozes críticas ao modelo dos pagamentos por serviços ambientais. É o caso do pesquisador Donald Sawyer, da Universidade de Brasília (UnB). Em artigo para a revista *Política Ambiental*, da Conservação Internacional, ele faz questionamentos éticos e econômicos aos programas de pagamento por serviços ambientais. “Um dos riscos de pagar alguns produtores por serviços prestados é que sugere que os outros todos que não receberem esses pagamentos não são obrigados a se comportar corretamente.”

Para Sawyer, também é difícil haver dinheiro suficiente no Brasil ou no mundo para pagar por todos os serviços ambientais existentes. Na estimativa do pesquisador, se as áreas a ser protegidas no Código Florestal somarem um total de 100 milhões de hectares, e os donos receberem apenas R\$ 200 por hectare ao ano para não desmatar, o total anual seria de R\$ 20 bilhões. “O Programa Bolsa Família custa R\$ 15 bilhões por ano. Seria possível o governo gastar mais com pagamentos por serviços ambientais do que com a Bolsa Família?”, questiona.

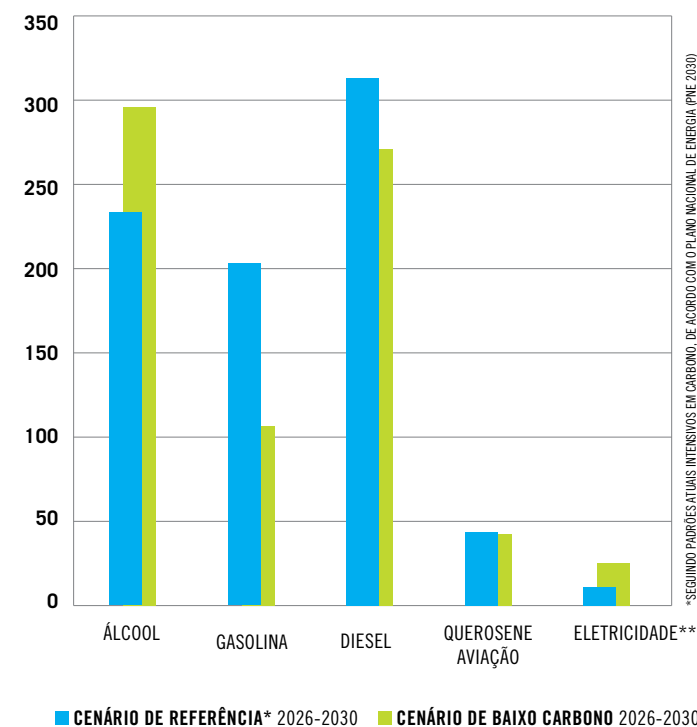
Transportes: o setor beberão : Estudo vê espaço para reduzir consumo de gasolina

GISELE NEULS

Os transportes respondem por cerca de 75% do consumo de combustíveis líquidos no Brasil, cerca de 52 milhões de toneladas equivalentes de petróleo (TEPs), e a poluição resultante tornou infernal a vida de milhares de brasileiros que vivem em centros urbanos. Segundo o relatório setorial de transportes do estudo *Baixo Carbono para o Brasil*, elaborado pelo Banco Mundial, se o crescimento do setor seguir o modelo atual, em 2030 os transportes consumirão aproximadamente 25% mais diesel e gasolina que hoje.

No cenário de baixo carbono proposto pelo estudo, o consumo de diesel aumenta apenas 10%, e o de gasolina fica quase um terço menor do que os atuais 158,52 milhões de metros cúbicos. Para que isso aconteça, porém, é preciso aumentar a frota de veículos bicompostíveis, ampliar a malha de ferrovias e hidrovias e investir pesadamente em sistemas de transporte coletivo urbano de alta capacidade, tais como o metrô. O estudo, publicado no final do ano passado, está disponível em português em bit.ly/idY74x.

PROJEÇÃO DE CONSUMO DE COMBUSTÍVEIS PARA 2030 EM MILHÕES DE M³



De volta aos trilhos

Apesar do controverso trem-bala, plano visa devolver liderança à ferrovia como meio de transporte

DAVI CARVALHO

Após décadas de hegemonia absoluta das rodovias, o modal ferroviário volta a ter importância central na estratégia de transportes do Brasil. Se saírem do papel, os investimentos privados e públicos previstos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para as ferrovias entre 2011 e 2014 acrescentarão 11 mil quilômetros de trilhos, ampliando a malha de 28 mil para 40 mil quilômetros. O valor, orçado em R\$ 43,9 bilhões, é o dobro do que se investiu nos últimos 14 anos, basicamente para recuperar linhas deterioradas.

Para Rodrigo Vilaça, diretor-executivo da Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários (ANTF), que representa as empresas do setor, a expansão ficará longe da demanda atual por transporte ferroviário no Brasil, de quase 50 mil quilômetros.

Apesar do vultoso investimento, três quartos do gasto orçado referem-se ao controverso trem-bala entre Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro. O governo federal justifica o projeto sob o argumento

de que há sérias dificuldades técnicas e socioambientais para construir mais estradas na região, onde os meios de transporte aeroviário e rodoviário encontram-se saturados. Na falta de alternativas convencionais, o governo alega que o Trem de Alta Velocidade (TAV) seria a tecnologia mais adequada para uma região com alta densidade demográfica e responsável por grande parte do PIB.

Para Paulo Tarso Vilela de Resende, coordenador do Núcleo de Logística e Infraestrutura da Fundação Dom Cabral, de Belo Horizonte, a expansão projetada é relevante e desejável, mas quem da necessária. Ele considera equivocada a opção pelo TAV: "É a pior prioridade que o governo tem no setor. O Brasil precisará de um trem-bala, mas há outras necessidades mais importantes no momento." Se utilizado integralmente em ferrovias, excluído o trem-bala, explica Resende, o orçamento possibilitaria construir mais 20 mil quilômetros de trilhos em direção

às fronteiras agrícolas e duplicar a rede metroviária. "Estamos trocando tudo isso por um projeto de 600 quilômetros entre Rio e São Paulo", critica o especialista.

Diferentes estudos apontam vantagens ambientais, de eficiência econômica e segurança para o modal ferroviário. Segundo estudo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em maio de 2010 o consumo de combustível por tonelada transportada em uma ferrovia moderna equivale a cerca de 20% comparativamente ao de uma rodovia e trens de carga emitem 66% menos monóxido de carbono do que os caminhões (*acesse o estudo em bit.ly/qC4MTF*). A ANTF adiciona outro benefício importante para o combate ao aquecimento global: a emissão de CO₂ por trens de carga é 70% inferior à dos caminhões.

Uma fração desses ganhos ocorre porque parcela dos trens utiliza o biodiesel B20, que adiciona 20 partes de biodiesel para cada 80 do derivado de petróleo. Na frota de caminhões que utiliza biodiesel, essa adição não passa de 5%. Outra economia preciosa é a de vidas humanas. Em 2010, caminhões estiveram envolvidos em um terço das quase 40 mil mortes nas rodovias brasileiras. "Nas ferrovias, acidentes e mortes são raros, porque os trens não se confundem com outros veículos. É um sistema isolado", esclarece Resende.

Parte do ganho em eficiência deve-se à reconstrução dos trilhos brasileiros, que preparou as linhas para receber locomotivas mais potentes e comboios maiores. Com isso, será mais fácil carregar produtos perecíveis. Hoje, cerca de 60% dos produtos transportados é minério de ferro.

O governo projeta que o modal ferroviário retomará o primeiro lugar na logística de transportes até 2025, elevando sua participação de 25% para 35% da quilometragem total, acima das hidrovias (34%), rodovias (30%) e do modal aéreo (1%). (*Mais sobre ferrovias em Propostas Empresariais de Políticas Públicas para uma Economia de Baixo Carbono no Brasil em: intranet.gvces.com.br/cms/arquivos/recomendacoes_epc.pdf*)

Nada resistiu à crise

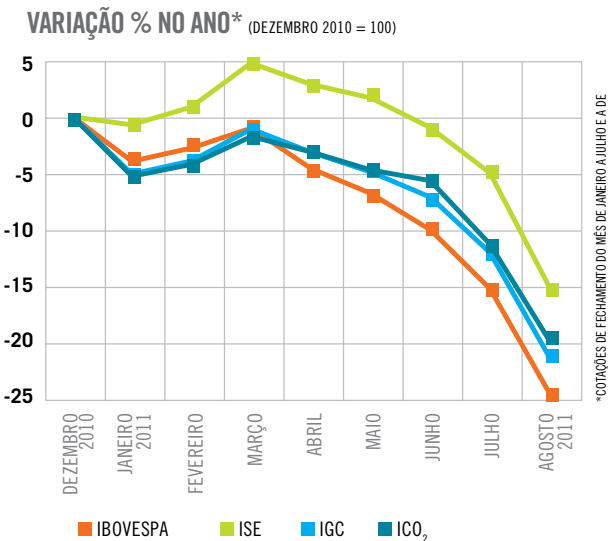
JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA

A crise econômica na Europa e nos Estados Unidos afetou todos os índices de bolsa no Brasil, até mesmo o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) na BM&FBovespa. Ao longo de um 2011 bastante turbulento para os mercados, o ISE vinha mantendo razoável distância em relação ao Ibovespa, seja subindo quando o Ibovespa caía, seja recuando bem menos que o principal índice da bolsa. O comportamento lhe proporcionava larga vantagem sobre o Ibovespa no acumulado de 12 meses ou do ano, como mostra o gráfico.

Mas, durante agosto, nem mesmo o ISE escapou

ao terremoto que abalou as principais bolsas do mundo. No acumulado do mês, até dia 25, o Ibovespa declinou 9,98%, queda próxima à do ISE, que variou negativamente em 9,21%. Os índices de carbono (ICO₂) e o de governança corporativa (IGC) recuaram 8,60% e 9,76%, respectivamente, no mesmo período.

Agosto foi um dos meses mais instáveis e desoladores no mercado acionário neste ano, influenciado pelas crises da dívida na Grécia, Portugal, Espanha e Irlanda e pela ameaça de calote do governo americano nos títulos do Tesouro – por conta da oposição republicana ao aumento no limite de



endividamento do país. Mesmo após obter sinal verde do Congresso para ampliar o limite, mantém-se o pessimismo com as perspectivas da maior economia do planeta.

ENTREVISTA PAULO ITACARAMBI

COMPETITIVIDADE É GARGALO PARA A ECONOMIA VERDE

No início de agosto, durante sua conferência anual, o Instituto Ethos iniciou um processo de consulta a seus associados sobre economia verde. O objetivo é discutir uma agenda de transição para um novo modelo econômico e colher subsídios para as discussões da Rio+20. O processo inclui consulta on-line e vários debates até maio de 2012, quando a conferência anual do Ethos será realizada às vésperas da Rio+20. Paulo Itacarambi, vice-presidente-executivo da organização, falou a PÁGINA22 sobre os desafios dessa transição.

Quais pautas o Ethos deverá apresentar para a comissão brasileira da Rio+20?

Ainda é cedo para falar disso, porque nosso processo de consulta está no início, mas duas já estão presentes. A primeira é como viabilizar essa economia verde sem perder competitividade, valorizando as vantagens comparativas do Brasil. Isso requer medidas de política nacional e global que transformem os experimentos das empresas em práticas rotineiras na economia. Quando se trata de pensar em competitividade, a sustentabilidade ainda está fora. Mudar

isso requer um engajamento mais forte do sistema político e mecanismos de mercado que reconheçam valor real nos investimentos em sustentabilidade. A segunda diz respeito à governança. Há mecanismos de governança para a economia, para o ambiente, para questões sociais, para ética, mas todos tratados em ambientes separados. Para uma economia verde includente e responsável, é preciso reunir tudo isso em um único lugar.

Que resultados podem ser esperados da Rio+20?

A Rio+20 é um momento estratégico que poderá fortalecer a economia verde e acelerar seu estabelecimento. Se isso acontecer, será bom para a economia brasileira, para a sociedade e para as empresas que atuam no Brasil. Temos potencial para sermos um dos líderes desse processo, dado nosso capital natural, nossa sociodiversidade, o engajamento de diversos setores da sociedade em iniciativas sustentáveis. A sociedade está cobrando um comportamento mais íntegro de empresas, organizações da sociedade civil, órgãos públicos, e essa cobrança gera muitas iniciativas positivas.

Além disso, há uma expectativa dos outros países com relação ao nosso posicionamento para exercer essa liderança.

O que mudou no setor empresarial desde a Rio 92?

Durante toda a década de 90, as empresas tinham uma ação mais reativa em relação aos temas sociais, ambientais e éticos. Exceção era aquela que tinha um comportamento ativo, propositivo. Hoje elas possuem iniciativas, estão formulando propostas, tentando enfrentar problemas e até liderado mudanças, como no caso da influência que tiveram na decisão do governo brasileiro de criar uma política nacional de mudanças climáticas. No Ethos, temos cinco grupos de trabalho assumindo compromissos e formulando propostas de políticas públicas. Agora, para dar o passo de um novo modelo real nos negócios, é preciso mudança na organização do mercado e das políticas econômicas de forma a colocar a sustentabilidade no centro dos negócios. Nenhuma empresa fará isso sozinha, é preciso tratar das questões que determinam o funcionamento do mercado e da macroeconomia. GISELE NEULS



My Name Is Now

POR ANA CRISTINA D'ANGELO # FOTO ANDRÉ FOSSATI

Ao se fazer uma pesquisa sobre Elza Soares no Google, o buscador sugere o nome da cantora associado às palavras “idade” ou “namorado”. O interesse das pessoas está mais associado à vida da artista que à sua obra. Elza garante que é inveja. E, assim como um gatilho, rápida e aparentemente incerta de consequências, vai respondendo às perguntas de entrevista, interlocutores, fãs e de quem mais se aproximar. Da mesma forma, completa para a repórter de pouca intimidade com tecnologia que buscava “onde mora” o microfone do gravador digital: “Mora num país tropical, meu bem”.

Elza é naturalmente desbocada para a poesia, para a intuição e o prazer. Aparece mais jovialidade ao vivo e em cores e encara a personagem que for preciso para viver seu lema “My Name Is Now”, que ela adora repetir. Nesta entrevista a PÁGINA22, concedida antes de um show em parceria com o grupo Farofa Carioca, no Inverno Cultural de São João del-Rei, Minas Gerais, a cantora compartilha suas percepções sobre a vida e o envelhecer, seu humor e alguns de seus planos.

Tratamos do envelhecimento nesta edição da revista, pois, em sustentabilidade, falamos muito do novo, do jovem, e acabamos esquecendo que todos estamos envelhecendo e que o novo, no mais tardar, será velho. Como você encara o envelhecer? Você recentemente passou por uma cirurgia, ficou afastada do palco. Quais suas reflexões sobre a idade e o tempo?

Eu não paro pra pensar nessa coisa. Se eu parar para pensar, eu envelheço. Se eu ficar parada no tempo pensando como será o amanhã, vou ficar muito ontem. E do ontem não tenho saudade, tenho saudade do amanhã que não conheço. Envelhecer está na cabeça de cada um, você pode ter idade e não envelhecer. A gente sabe que o tempo passa. Feliz daquele que viu o tempo passar, porque tem gente que não vê. Quando você acompanha o tempo, você está aí, não quer saber se está passando. Está vivendo. Quando se tem uma espiritualidade, um espírito jovem, você é eterno jovem e sua matéria também vai permanecer jovem.

Elza Soares nasceu em 1937 em uma favela do Rio de Janeiro e foi casada com Garrincha. Tornou-se popular com suas interpretações para samba e aventurou-se pelo rock, bossa, música eletrônica e funk. Em 2000, foi eleita Cantora do Milênio pela BBC de Londres



Uma coisa a ser desenvolvida no computador natural que nos foi dado – a cabeça – é usar a cabeça. Eu gravo mais de 200 músicas na cabeça. Assim, meu computador não envelhece. Eu vejo envelhecimento na classe mais pobre, mais desprotegida, essa envelhece. Nós, seres humanos, somos egoístas demais e veja o que falta pra essa gente: cultura, educação, saúde, falta tudo. Então, veja de onde eu vim – dessa classe mais pobre – e o que eu busquei. Eu quero o melhor pra mim, viver no bom, vou buscar, vou correr, vou trabalhar para conseguir um envelhecimento – se é que eu vou envelhecer – bem digno. Veja bem: se é que eu vou envelhecer.

Inovação é outra palavra de ordem da sustentabilidade. O consultor Luís Eduardo de Carvalho cunhou o termo “envelhação”, ou seja, coisas que já se faziam há anos, mas que as pessoas dizem ser inovação. Você deve perceber isso no seu trabalho, estou certa?

Tudo. Tudo que eu vejo hoje já vi antes. Não tem novidade pra mim. A única novidade que tem é o computador, essa coisa que saiu aí. Acho que isso já se usava, mas não era tão presente. Tudo eu já vi. O Chacrinha tinha aquela frase: “Nada se cria, tudo se copia”. O que estamos vendo hoje nossos avós e antepassados já viram. A gente chegou e o mundo estava pronto, ninguém criou nada, o mar, a selva, tudo já estava aí, ninguém criou nada.

Para continuar se inspirando e tendo esse vigor, já que não há nada de novo, o que te movimenta, te alimenta?

Eu sempre digo: “My name is now”. Eu sou o agora. O passado já conheço tanto que eu quero ser o agora. E esse agora vai ser passado. Mas vai ter muita gente no “Now”. Então eu sou o agora. Vou cantar, com fé. O corpo mais bonito, mais tratado, mais transado, mais respeitado. É isso que eu quero, felicidade pra todo mundo, paz. Seria tão melhor se, em vez de inventar tanto, querer tanto o novo, por que não querer um mundo de mais paz e prazer? De mais liberdade? Você vê ainda hoje tanta gente que tem preconceitos absurdos, contra gays, negros, ainda existem coisas que vêm de Cleópatra. Olha isso aí, é velho pra cacete (*passa na rua um batuque de tambor*). Isso é Folia de Reis, já faziam isso, e a vida continua, a história continua.

Você está na estrada da música há tempos e se mantém contemporânea. Alia-se a grupos como o Farofa Carioca, conquista os jovens, faz novas versões de canções consagradas, sem medo. Você procura esse componente do novo/jovem intencionalmente ou é instintivo? Uma vontade de se reinventar sempre? Como se faz essa ponte entre experiência e o que virá?

Você não pode ficar parada no tempo, senão não vê o que está dos seus lados, fica alienada. É preciso ver todas as vertentes, senão você não sabe nada da vida. Eu não penso, não planejo muito, sou uma abençoada, as coisas chegam. Eu sempre tive um público muito variado, juventude, adolescente, crianças. Eu boto uma criança no colo de 2, 3 meses, a criança fica me namorando. Eu consigo hipnotizar uma criança pelo bem. Isso me acontece muito.

Sou casada com um jovem. Um homem mais velho talvez não fosse me aguentar. Sou casada com um homem bem mais jovem que eu, mas talvez mais velho na cabeça, na forma de pensar. Eu

vejo que as pessoas que eu tenho ao meu lado são jovens – como o Murilo, meu assistente, que mora comigo e tem 28 anos. Eu vejo a vida como busca. Tem um mês que operei a cervical, estou no palco, mas estou planejando estudar música. Vou fazer um curso, vou me formar música na universidade. Eu sei cantar, mas eu quero me formar.

Também estou fazendo um trabalho com a Letícia Sabatella, duas mulheres, dose dupla, sobre música, conversas, papos interessantes de mulheres, coisas que podemos levar para outras pessoas. Tem gente que não entende que é preciso falar, abrir a boca. Tem gente que fala, mas não abre a boca. A boca precisa ser aberta para que a gente entenda o que está falando. A ideia é falar, mas também contestar um pouco pra poder explicar. Só se explica quando se está contestando. Vai ter música e um texto agradável, aberto, inteligente; vamos falar de sexo, amor, vida, dor, falar de tudo o que é importante, entendeu? Sexo era uma coisa tão escondida até pouco tempo... Seu corpo precisa de arroz e feijão, de outras coisas, de caviar, de sexo. Escargot, angu, feijão, farinha, amor. A vida é isso, precisa disso tudo. Já que precisa, por que não alimentá-la?

Um espetáculo baseado na sua vida, *Se Acaso Você Chegasse* estreou em agosto na Bahia e o documentário *Elza*, sobre sua carreira, circulou pelos cinemas brasileiros fazendo bastante sucesso. Duas perguntas: sua vida desperta tanta curiosidade por quê? A outra: viver é interpretar muitos personagens? (*quatro atrizes vivem Elza no teatro e suas muitas vidas: menina de favela, mãe e viúva precoce, cantora que cavou à unha seu espaço na MPB*)

Eu tenho tanta coisa boa pra dar, talvez assuste. Com essa minha vitalidade, jovialidade que Deus me deu, eu assusto os velhos. Querem roubar isso de mim, mas eu não posso dar, não me peçam. Eu acredito em Deus, sem ele nada faço. Sou espírita praticante.

Eu acho que somos muitos personagens. Há uma curiosidade: meu Deus que mulher é essa? Corpo perfeito, voz perfeita, faz a porra de uma operação e com um mês já está no palco? O que é isso? Isso é dádiva. Cada um de nós vem de um conta-gotas. Dependendo do frasco, sai mais forte, sai uma Elza.

Lógico que penso nos meus papéis ao longo da vida, não sou uma só. Cada uma tem seu papel, sua responsabilidade. Eu vejo que sou capaz de corresponder a tudo isso. E digo uma coisa pras pessoas: não se sufoquem antes de o tempo chegar, mas se prepare que o tempo vai chegar. Olha, eu sou contra bebida, contra o fumo, contra drogas. Agora acabamos de perder Amy Winehouse e outras estão se acabando por aí. Não digo que eu seja santa, você deve saber da existência de tudo, mas nada pode ser mais forte que você. Como você vai ser tão fraco que o vício seja mais forte que você? É impossível você não se amar. Eu amo o presente que é a vida.

Como é seu cotidiano? Como você se cuida, qual sua diversão favorita, o que você gosta de fazer quando não está cantando?

Desculpa a expressão que vou dizer, mas eu me “emputeço”, me aborreço, brigo muito porque não sou nenhuma santinha, senão estaria num altar. Sou pecadora, uma mulher normal, mas que sabe da responsabilidade de um corpo, que sabe o quanto é importante uma só vida que você tem. Temos direito a uma vida. Se não cuidar

Feliz daquele que viu o tempo passar, porque tem gente que não vê. Quem vê está vivendo

bem, ela vai embora. Temos que pensar nisso.

Eu moro no Rio de Janeiro, em Copacabana, com meu marido. Eu gosto de ouvir música, ouço música 24 horas, gosto de jazz, sou louca, fanática pelo Chet Baker, ouço muito Nina Simone, Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan e outras boas cantoras. Eu ouço jazz a ponto de o Bruno (*marido*) dizer: “Agora chega, vamos ver um bom filme também!”

Gosto de caviar, amo. Champanhe tomo muito pouco, mas gosto. Um bom vinho, um bom champanhe qualquer um gosta, meu bem.

Você se preserva um pouco da vida de celebridade, do universo da fama instantânea. É verdade?

Quando eu recebi o prêmio de Cantora do Milênio pela BBC de Londres – perdão gente, mas eu ganhei –, fiquei muito surpresa, porque não sou muito de televisão, de dar as caras e bocas, me preservo mais, gosto mais desse mundo que vivo. Hoje eu conheço muito boteco, porque o Bruno ama boteco, que é coisa mais de mineiro. Eu não gosto tanto, mas eu vou com ele. Eu não gosto de cerveja, aquele barulhinho da garrafa abrindo, menina, me dá uma agonia, não gosto. Agora, eu faria qualquer propaganda de cerveja se me chamassem. Pagando bem, que mal tem? Até provaria. Seria aquela Devassa, a verdadeira Devassa.

A discussão do erudito e o popular está muito presente na sua carreira. Você canta samba, fala da sua origem popular e expõe isso sem pudor, ao mesmo tempo que faz uma improvisação sofisticada e mistura outros ritmos, fazendo novas versões com o seu timbre bem particular.

Se ficar parada num só lugar, você não cresce. Você tem que ser ousada: pega o samba e mete um jazz, mistura rock, mistura funk e traz um pouco de saudosismo. A música ficará tão enriquecida, com tudo o que já existia e outros elementos, que fica bom de se ouvir.

Quando viajo para o exterior, gosto de levar o samba, que é minha característica. No princípio, as pessoas ficavam horrorizadas: “Olha como ela destrói o samba, o Chico (*Buarque*) vai lá, constrói, e a Elza destrói”. Pois é minha vida. O Chico constrói e eu destruo tudo o que ele faz. Acho maravilhoso destruir (*risos*). Desconstruir é uma coisa boa, desconstruir uma coisa do Chico, então, é preciso ter muita coragem, é preciso ter saco, sacão até no pé.

Ele me compreende também, temos diálogo às vezes. Eu o encontro muito na França. Estou atravessando uma rua e encontro com ele. “Oi Chico, por que não no Rio?” E ele diz: “É verdade, olha que surpresa!” Nós nos abraçamos e beijamos e nos despedimos. A gente gravou aquele *Let's Do It, o Façamos*, quando fui gravar o *Do Cócix ao Pescoço* (*disco lançado em 2002*). Mande um recado pra ele: “Você tem uma música para mim?” Ele tinha feito *Dura na Queda* e mandou pra que eu gravasse. Foi um presente. O Caetano me deu *Dor de Cotovelo*, aquela música linda, sofrida, derramada.

Eu sou muito ciumenta, mas eu tenho ciúme careta, da sacanagem, não gosto de certas coisas. Eu me preparei para uma vida mais calma, mais digna, mais bonita, pra eu saber degustar. Cada momento eu degusto uma coisa boa, não misturo algumas coisas. Nunca vi feijão misturado com champanhe, então... Feijoada é feijoada, champanhe é champanhe. Não misture para que a cabeça não danifique.

Para fugir das armadilhas da vida, o que vale?


Em qualquer meio, em qualquer lugar, o que vale é a sabedoria. Ontem eu viajei com uma mulher ao meu lado que dizia estar viajando há muito tempo e não sabia do festival de São João del-Rei. Perguntei quanto tempo ela estava fora do Brasil. Ela disse: “Vinte e seis dias”. E eu: “Você viajou 26 dias e já não sabe o que acontece na sua terra?” Então, disse pra ela que eu morei na Itália, na França, em Nova York e nunca me esqueci da minha terra, nunca esqueci que existia um carnaval no Rio de Janeiro.

Então ela me perguntou se eu ia dançar funk no festival. Eu disse que eu até era popozuda, mas que não ia dançar funk. E perguntei: “Você conhece a bandeira do Brasil, sabe as cores?” Ela disse: “Sei, verde, amarelo, azul e branco”. Eu disse: “Cuidado para você não colocar vermelho. E mais: se você conhece a bandeira do Brasil, como não conhece a Elza Soares, essa cara preta cheia de passado? Eu tô estranhando, como você não me conhece? Até criança me conhece. Eu sou uma senhora independente de Padre Miguel, salve a Mocidade.”

Eu recolhi algumas definições a seu respeito. Paulinho da Viola te compara a Billie Holiday e Dalva de Oliveira. José Miguel Wisnik disse que você é uma roqueira do samba e o violonista João de Aquino disse que, se alguém quiser entendê-la, tem que entender o seu canto. Você se define como? E como define seu canto?

Eu acho que meu canto é indefinível. Quando eu tiver certeza dele, eu não posso cantar mais, deixa para os outros dizerem o que ele é. Eu tive tudo para ser intitulada sambista, pra ter aquele rótulo, mas eu detesto rótulo. Se quiser me rotular me dê uma propaganda com milhões.

Você acompanha política cultural, pirataria, direitos autorais?


São muitas páginas... Se eu for pegar todas as páginas, eu vou deixar de cantar, isso é muito perigoso. Isso me cansa um pouco, eu sou música, prefiro viver do que sei. Meu hobby é a cozinha, e quando estou apaixonada eu cozinho melhor, eu vou pra cozinha e faço uma comida boa, dou uma comida boa, nós temos bocas falantes e comíveis. 

Envelhecer


O aumento brutal da proporção de idosos até meados do século impõe novas práticas ao mercado, à economia e às políticas públicas, capazes de beneficiar cidadãos em todas as idades. Para isso, é oportuno discutir a promessa de que a juventude pode durar para sempre

POR CAROLINA DERIVI FOTOS LUCAS CRUZ

“**L**evante a mão quem na plateia é a favor da malária”, provoca o pesquisador britânico Aubrey de Grey, durante palestra promovida pela rede TED (Technology, Entertainment, Design). Diante da inércia do público, o palestrante admite que a razão óbvia para a antipatia unânime é que a doença tropical mata pessoas, mas ele surpreende ao anunciar que outra mazela é causa de morte para muito mais gente – cerca de 100 mil óbitos por dia em todo o mundo –, e no entanto essa não escandaliza ninguém. Trata-se da velhice.

De Grey é um **biogerontologista**  autodidata, empenhado em angariar apoio para sua Fundação Matusalém, cuja finalidade é desenvolver tratamentos para dissociar a idade da probabilidade de morrer. Em outras palavras, perpetuar a juventude por até mil anos. O empreendimento pode parecer delirante, mas ninguém ainda conseguiu demonstrar que sua teoria sobre formas de intervir no metabolismo humano esteja errada, em que pese um prêmio de US\$ 20 mil oferecido pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) para quem alcançasse tal feito. *(O vídeo da palestra está disponível em Ted.com)*

■ Especialista que estuda o fenômeno do envelhecimento sob o aspecto molecular e celular

Ainda que as pretensões de De Grey sejam pura ficção científica, sua bandeira guarda relação com realidades contemporâneas bem concretas, aquelas que o leitor decerto já conhece: o avanço da medicina trouxe patamares inéditos de **longevidade** , a proporção de idosos está aumentando barbaramente, graças à baixa fecundidade na maioria dos países. Aparentemente, estamos vivendo mais e melhor.

Mas há outro fenômeno, neste caso cultural, que faz com que o exótico cientista britânico nem pareça tão distante assim do senso comum. Já foi dito que vivemos em uma sociedade obcecada pela juventude e é possível identificar uma infinidade de mensagens segundo as quais a velhice propriamente dita – aquela do declínio cognitivo e das limitações físicas – está em extinção. De Grey poderia perguntar “tem algum velho aqui?” e receber de volta o mesmo silêncio cúmplice da plateia.

■ No Brasil, a expectativa de vida é de pouco mais de 73 anos, na média. No Japão, país com a maior esperança de vida do mundo, essa marca passa dos 82 anos

São muitas as interpretações possíveis para o estado de negação coletiva desta que é uma das poucas certezas da vida. A psicóloga Marisa Moura Verdade, especialista em psicologia da morte, arrisca a sua: tem a ver com uma espécie de mito do herói 2.0. “Numa sociedade em que você só é legal se for forte, poderoso, bem-sucedido, é fácil ficar viciado em heroísmo. Essa ideia está muito acoplada à juventude, desde a mitologia. Hércules morreu cedo, Aquiles também. Os heróis não envelhecem nunca.”

O significado do envelhecimento sofreu transformações tão radicais que levou a antropóloga Guita Grin Debert a escrever o livro *A Reinvenção da Velhice*. Ali, ela descreve como evoluiu a noção de que a fase final da

A "reprivatização da velhice" perpetua a ilusão de que envelhecer bem depende apenas dos indivíduos, apesar de fatores como as condições de trabalho e de acesso à saúde

vida pode ser dedicada à fruição e às delícias não mais exclusivas da juventude, desde a criação da aposentadoria, no final do século XIX, até o surgimento do termo “terceira idade”, na década de 1970. Foi nessa época, com a criação das universidades para a terceira idade, na França, que se consolidou a oportunidade de aproveitar o tempo do idoso de forma socialmente integrada, para além do ambiente doméstico.

Até aí, nada mal. Faz todo o sentido perseguir o envelhecimento sadio e autônomo numa fase que tende a ser a mais longa da vida (acreditando-se que chegar aos 90 anos não é mais uma proeza), se comparada a outros períodos delineados como a infância, a adolescência, a juventude e a meia-idade. Mas o panorama deixa de ser tão colorido se levarmos em conta o que Guita chama de “reprivatização da velhice”. Em poucas palavras, significa dizer que envelhecer bem passou a ser um problema seu. Só seu. Faça atividades físicas, não fume, vá ao médico regularmente e, acima de tudo, não esqueça a previdência privada. Anotou? Tudo vai dar certo.

A observação da antropóloga sugere um retorno à época em que o envelhecimento era uma questão de foro íntimo, um recolhimento de curta duração antes da morte, que só dizia respeito à família ou às

instituições de caridade. Mas trata-se de uma privatização inteiramente nova. Nova porque ainda incorpora a influência da revolução da aposentadoria, quando a velhice evoca a “solidariedade pública entre as gerações” e passa a ser um problema social.

Resultado: hoje, fala-se exaustivamente sobre o **envelhecimento ativo** ¹¹, tema que permanece sendo de interesse público, mas, se acaso alguém falhar, “é porque não cuidou do corpo como deveria, não estabeleceu boas relações com a família, não se envolveu em atividades motivadoras. Esse discurso se revela desde a prática médica até a comunicação de massas ^[1]”, diz Guita.

Um dos sintomas, segundo a especialista, são as políticas públicas, que estariam quase que exclusivamente voltadas para os idosos sem dificuldades físicas ou mentais, capazes de participar de programas para a terceira idade com práticas culturais e esportivas. Para os idosos debilitados pouco se oferece. Outro indicador seria o propalado mercado da terceira idade, que, para Guita, é muito mais de combate à velhice, como cosméticos e cirurgias plásticas, que de amparo às limitações da idade.

Consternado com o que considera uma “excessiva transferência da responsabilidade da velhice para o cidadão e para as famílias”,

o jornalista Jorge Félix, também mestre e pesquisador do tema no Núcleo de Pesquisas Políticas para o Desenvolvimento Humano da PUC-SP, escreveu o livro *Viver Muito: Outras ideias sobre envelhecer bem no século XXI (e como isso afeta a economia e o seu futuro)*, da editora Leya.

Para Félix, a “reprivatização da velhice” coincide com outro discurso, disseminado a partir da década de 1980, segundo o qual o Estado não pode ser responsável por tudo. É uma bela verdade, diz ele, e teria sido também uma saudável evolução não tivesse esse discurso evoluído para “a nova realidade de que o Estado, aos poucos, não é mais responsável por nada. Transporte, saúde, educação, tudo tem de correr por conta do contribuinte”, escreveu o jornalista.

No livro, Félix não hesita em informar que o ideal do idoso morador de Copacabana, que desfruta de sua aposentadoria integral caminhando no calçadão e tomando água de coco, é para poucos. O autor até mesmo aposta que o risco de uma velhice empobrecida é maior para “a geração iPod”. Mas, no final das contas, a mensagem de seu trabalho é que envelhecer bem, seja para os indivíduos, seja para o País, depende de múltiplos atores atuando em conjunto. Depende dos cidadãos, do Estado, das empresas e da economia.

Essa correlação de fatores fica mais clara quando se tem a dimensão da diversidade de impactos que acompanha o envelhecimento populacional. O Brasil tem hoje 21 milhões de pessoas com mais de 60 anos, o que equivale a 11% da população. Em 2050, segundo projeção do Banco Mundial, serão 64 milhões de idosos, ou quase um terço do total de brasileiros. A proporção é maior do que a verificada no Japão, atualmente o país mais envelhecido do mundo.

Isso muda tudo. Comportamentos, mercado de trabalho, políticas públicas, saúde, educação, economia, todos os pressupostos terão de ser revistos à luz da nova demografia, sob pena de comprometer o desenvolvimento.

LÁ VEM A BOMBA

José Eustáquio Diniz Alves, professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, do IBGE, faz questão de ressaltar o quanto a sua especialidade – a demografia – sempre foi cercada de fatalismos. “Existe, no debate sobre população, um constante clima de desespero ou porque cresce muito ou porque está ameaçada a diminuir. Nas décadas de 50 e 60, quando ocorreu o maior crescimento da História, surgiu o livro *A Bomba Populacional* (de Paul Ehrlich, 1968) e todo mundo passou a usar essa expressão. Depois, com o envelhecimento, passou a ser a ‘implosão populacional’.” (mais em reportagem à pág. 40)

[1] No Artigo *O velho na propaganda*, Guita Grin Debert aprofunda essa ideia com exemplos e entrevistas. Disponível em scielo.br





Para Alves, nenhum panorama é trágico, inevitavelmente. Tudo depende de se aproveitar o primeiro bônus demográfico para gerar um segundo. Explica-se: o primeiro é agora, quando a população economicamente ativa (PEA) é muito maior que a dos dependentes, circunstância ideal para o crescimento econômico. Se essa população envelhecer bem preparada, do ponto de vista da formação, da poupança e da longevidade com qualidade de vida, a próxima fase pode ser também virtuosa, diz o demógrafo.

Numa sociedade que envelhece muito e rapidamente, como é o caso do Brasil, a PEA é o patrimônio mais importante. Félix resalta duas missões fundamentais: manter as pessoas trabalhando por mais tempo e garantir que, mesmo depois da aposentadoria, a independência física e financeira se preserve ao máximo, para reduzir o encargo sobre as gerações mais jovens. Esses desafios também podem ser representados em duas áreas fundamentais: educação e saúde, ambas ligadas à autonomia.

Vamos começar pela segunda. “A nossa lógica sempre foi hospitalar, de tratamento. Agora temos que fazer o contrário”, diz o médico Renato Veras, professor da UFRJ e especialista em saúde coletiva e envelhecimento humano. Mudar esse foco, do tratamento para a prevenção, é como manobrar um transatlântico. A estrutura de saúde centrada em doenças agudas em uma população jovem, cujo atendimento geralmente leva à cura, é completamente diferente daquela que tem de se deparar com doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, mais frequentes numa sociedade envelhecida.

“Há 30 anos, o número de especialistas, exames complementares e equipamentos era muito menor. Era uma medicina mais simplista. A sofisticação ampliou o tempo de vida, é uma grande conquista, porém o custo aumentou muito”, afirma Veras. Essa é uma conta essencialmente pública, já que os altos preços de plano de saúde para quem tem mais de 60 anos afugentam essa clientela.

Mais de 70% dos idosos brasileiros, hoje, são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

A mudança requer uma gestão mais profissional na saúde pública, diz o especialista, voltada para a eficiência do uso dos recursos. “Hoje quase todo mundo repete que é favorável à prevenção. Mas, quando você vai ver, o que oferecem é palestra, uma besteirinha aqui e ali. Quando eu falo em prevenção, é uma coisa mais estruturada, de monitoramento direto dos pacientes, que não deixe as doenças crônicas evoluírem.”

O descaso histórico com a educação revela-se no saldo para os idosos brasileiros da atualidade. O analfabetismo funcional atinge mais de 50% deles. No futuro, essa proporção será menor, mas as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo passam a ser maiores. Para Félix, a manutenção dos profissionais para além dos 60 anos dependerá de formação continuada e da diversificação das competências, o que implica rever o “fetichismo” brasileiro pelo diploma universitário, ampliando o acesso ao ensino técnico.

Fique conosco por mais alguns parágrafos, que a feira de novos desafios para o futuro não para de crescer. Se o leitor tem entre 20 e 40 anos, pergunta-se: quem cuidará de você caso atinja uma idade avançada, com debilidade física ou mental? Para a Constituição brasileira, essa é uma responsabilidade das famílias. Mas como se articulará essa entidade diante das novas configurações contemporâneas, o alto número de divórcios, menos filhos e a ascensão social que permite que familiares vivam em cidades e até países diferentes?

A conclusão fatal é que a velhice do futuro será mais cara. Seja porque o capital social dos núcleos familiares está rarefeito, seja porque a informalidade atinge hoje mais da metade dos trabalhadores no País – o que os exclui de benefícios como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço –, ou ainda por causa do aquecimento global. Sim, as mudanças do clima também trazem implicações para o

Famílias menores, informalidade e até o aquecimento global conspiram para uma velhice mais cara no futuro. Isso implica rever o papel do Estado e da economia para o bem-estar social

orçamento dos idosos do futuro. “Hoje você paga tudo que pagava no passado para ter um carro, mas agora já tem uma nova taxinha, a do **Controlar**”, explica Félix.

O exemplo citado por ele, em *Viver Muito*, é a água, tão essencial e cujo acesso tende a encarecer, devido às transformações ambientais. Segundo o Banco Mundial, a combinação da mudança do clima com o aumento da população reduzirá pela metade a quantidade de água per capita no planeta, até 2050.

CRISE E OPORTUNIDADE

Agora vamos às boas notícias. Há motivos razoáveis para crer que a nova demografia seja capaz de forçar mudanças positivas, em benefício de toda a sociedade. O primeiro deles envolve, como já dissemos, rediscutir o papel do Estado na cobertura de serviços essenciais, como educação, saúde e transporte.

Apesar de ressaltar que a atual crise econômica está motivando o movimento contrário – ou seja, a redução do *Welfare State* –, a economista Ana Amélia Camarano, uma das maiores especialistas brasileiras no tema do envelhecimento, reforça a mensagem de que concentrar esforços apenas na diminuição dos custos da Previdência não resolve o problema.

“Não é simplesmente fazer uma lei e mudar a idade mínima (*para a aposentadoria*). Você tem de reduzir preconceitos no mercado de trabalho, instituir uma política da saúde ocupacional, capacitação e atualização dessa mão de obra”, diz Ana Amélia. “Hoje há uma

substituição da oferta – ou piora na qualidade – dos serviços oferecidos pelo Estado e um aumento de programas de renda. É mais fácil transferir renda do que fazer uma boa creche, treinar pessoal de saúde, fazer asilo. É assim: ‘Eu te dou renda, você se vira’.”

Outra tendência tem a ver com o que o Jorge Félix chama de economia da longevidade, uma nova lógica que se volta para o bem-estar da população como única forma de garantir a manutenção da PEA e a continuidade do desenvolvimento, no contexto de uma sociedade envelhecida.

“Esse capitalismo que beneficia o setor financeiro em detrimento da economia real é completamente incompatível com o bem-estar. Como? Colocando trabalhador na informalidade, explorando mais a mão de obra em termos de carga horária, não distribuindo o lucro... Eu não tenho dúvida de que o que vai balizar uma nova receita econômica é a dinâmica populacional.”

Isso também significa romper o preconceito contra os idosos no mercado de trabalho, o que, segundo a ministra britânica da Igualdade Social, Harriet Harman, acarreta perdas de mais de 30 bilhões de libras para o PIB **daquele país**. Simples assim: atualmente, no Brasil, entram dez pessoas no mercado de trabalho para cada idoso que se aposenta. Em 2050, essa proporção passará a ser de um para um. Será cada vez mais difícil para as empresas ignorar o

Programa de inspeção veicular do município de São Paulo cujo objetivo é controlar a emissão de poluentes liberados pelos veículos

Onde a fatia de idosos na população é de 22%



Segundo psicóloga, o pouco contato com a morte no cotidiano atual contribui para a negação da velhice e do fim. Aprender a despedir-se é lição valiosa em todas as fases da vida

profissional qualificado com mais de 60 anos e, conseqüentemente, o papel do setor privado na promoção da qualidade de vida.

Segundo Félix, o antagonismo que se criou em torno dos idosos e sua relação com inovação e tecnologia tem menos a ver com a idade e muito mais com a exclusão desse segmento do sistema educacional brasileiro.

E, até para o urbanismo, o envelhecimento da população traz boas recomendações. O médico Alexandre Kalache, responsável durante 12 anos pelos programas para a terceira idade da Organização Mundial da Saúde, formulou, em 2007, o *Guia Global: Cidade Amiga do Idoso*.

O manual vem recheado de boas práticas, como redução da poluição do ar, mobilidade acessível e confortável – o que inclui as calçadas –, ampliação de áreas verdes e espaços para atividade física, tudo aquilo que torna uma cidade amigável, ao fim e ao cabo, para todo mundo. Talvez por isso a OMS trabalhe com o conceito de “sociedade para todas as idades”, mote do Ano Internacional do Idoso, em 1999.

Mas, para que toda essa revisão de paradigmas se torne realidade, é preciso, antes de qualquer coisa, reconhecer que a velhice chegará para todos (na melhor das hipóteses!), apesar do que nos dizem o mercado, a publicidade, boa parcela dos jornalistas e também a encantadora Elza Soares, em entrevista nesta edição.

A psicóloga Marisa Verdade conta que passou a usar uma bengala por causa de artrose. Uma amiga, quando a viu pela primeira vez com o suporte, caiu em prantos. Marisa infere que a reação tem a ver com a associação velhice = morte, sua área de especialidade. Ela explica que essa dificuldade de lidar com a finitude da vida é ainda mais acentuada nos dias hoje, já que temos pouco contato com a morte no cotidiano, o que nos impede de “domesticar o evento”.

“Quando eu era criança, a minha mãe me levava para comprar frango aqui na rua. A gente escolhia o animal, e a vendedora matava e depenava ali na nossa frente. Os velórios, também, costumavam ser na casa das pessoas. Hoje em dia quem é que tem esse contato com a morte?”, indaga.

Entre as tantas despedidas que a idade avançada encerra, uma das mais importantes de elaborar com desenvoltura, segundo a psicóloga, é a dos referenciais de felicidade em outras fases da vida. Ela costumava brincar com um amigo da mesma faixa etária, que insistia em defender “o espírito jovem”, o “menino” dentro dele: “Mas me deixa viver o novo de ser velha! Eu nunca tive esse corpo, esse jeito de andar. A gente é levado a acreditar que novidade só existe na juventude, e não é verdade”.

Para terminar, ela cita o psicólogo junguiano James Hillman, para quem a velhice é “vida em fase de partida”. Mas é vida. [zzz](#)

[ANÁLISE]

Rio + 20 + **mudança social** | Sem objetivos claros na redução da desigualdade, é forte o risco de que a própria legitimidade da economia verde seja colocada em questão **RICARDO ABRAMOVAY***

O desequilíbrio metabólico da atual relação entre a sociedade e os ecossistemas muda radicalmente a natureza, o alcance e o significado da questão da desigualdade no mundo contemporâneo. O principal desafio da Rio+20 não consiste em juntar economia verde e luta contra a pobreza. Essa junção já está em curso e faz parte do *business as usual*, da forma corriqueira de se levar adiante os negócios públicos e privados. O desafio fundamental é associar a construção da economia verde ao combate à desigualdade. Além de seu óbvio fundamento ético e funcional, a luta contra a desigualdade adquire uma dimensão material inédita, da qual se podem citar dois exemplos vindos de importantes documentos internacionais recentes.

O primeiro refere-se ao uso dos recursos materiais necessários à reprodução social. O International Resource Panel, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), publicou, há algumas semanas, o relatório *Decoupling Natural Resource Use and Environmental Impacts from Economic Growth* (Descasando o uso dos recursos naturais e os impactos ambientais do crescimento econômico). Esse descasamento exprime – juntamente com a promoção do uso sustentável da biodiversidade – a essência da economia verde, ou seja, a urgência de reduzir o consumo dos materiais e da energia que se encontram na base da riqueza social. Os resultados alcançados até aqui são, no mínimo, ambíguos.

Por um lado, cada unidade de riqueza é oferecida ao mercado sobre a base do uso decrescente de materiais. Apesar desse avanço, entretanto, a extração de recursos da superfície terrestre cresceu oito vezes durante o século XX, atingindo um total de 60 bilhões de toneladas anuais, considerando-se apenas o peso físico de quatro elementos: minérios, materiais de construção, combustíveis fósseis e biomassa.

Amplia-se o uso de recursos não bióticos e, com eles, a poluição e as emissões de gases de efeito estufa. O descasamento



entre a produção de riqueza e sua base material, mesmo em economias avançadas como o Japão e a Alemanha, foi apenas relativo, pois em termos absolutos a pressão sobre os recursos aumenta. Mas a informação que mais chama a atenção refere-se à desigualdade. Um indiano que nascer hoje consumirá ao longo de sua vida o correspondente a 4 toneladas de materiais anuais. Um canadense vai consumir 25.

Achim Steiner, diretor-geral do Pnuma, que prefacia o relatório, preconiza que, nos próximos anos, o consumo médio global, num mundo com mais de 9 bilhões de habitantes, terá de cair das atuais 9 toneladas anuais *per capita* para algo entre 5 e 6 toneladas. A função da economia verde é estimular inovações que permitam a estas 5 ou 6 toneladas propiciar muito mais bem-estar e utilidades que as oferecidas hoje. Mas somente um mundo com recursos

infinitos poderia manter este nível de desigualdade e, ao mesmo tempo, satisfazer as necessidades básicas dos que estão hoje em situação de pobreza.

O segundo exemplo, na mesma direção, vem do World Economic and Social Survey, do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais do Secretariado das Nações Unidas, e tem por título *The Great Green Technological Transformation* (A Grande Transformação Tecnológica Verde). O documento propõe que se estabeleça um limite para o consumo *per capita* de energia – 70 gigajoules por ano –, o que significaria cortar pela metade o gasto de energia do europeu médio e em três quartos o do americano. Já o indiano teria amplo espaço para aumentar seu consumo primário de energia, que hoje é, em média, de 15 gigajoules. Mas esse limite proposto refere-se à **energia primária** e pode ser em grande parte compensado pela inovação, ou seja, pelo aumento na eficiência com que se usa a energia em todas as etapas anteriores à prestação dos serviços ou à produção dos bens e serviços a que se ela destina.

O grande desafio do século XXI, assim, está na construção de um metabolismo social capaz de garantir a permanência e a regeneração dos serviços que os ecossistemas prestam às sociedades.

Mais precisamente, trata-se de chegar a um metabolismo industrial que reduza drasticamente o uso de carbono na base material e energética da sociedade e, ao mesmo tempo, ofereça oportunidades para que as necessidades básicas dos seres humanos sejam preenchidas. Sem objetivos claros na redução da desigualdade, é forte o risco de que a própria legitimidade da economia verde seja colocada em questão.

É difícil imaginar tema mais importante para ocupar o centro da Rio+20.

*PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA FEA, DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA USP, PESQUISADOR DO CNPQ E COORDENADOR DE PROJETO TEMÁTICO DO PROGRAMA FAPESP DE PESQUISAS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS. ABRAMOVAY.PRO@BR




Belo e velho

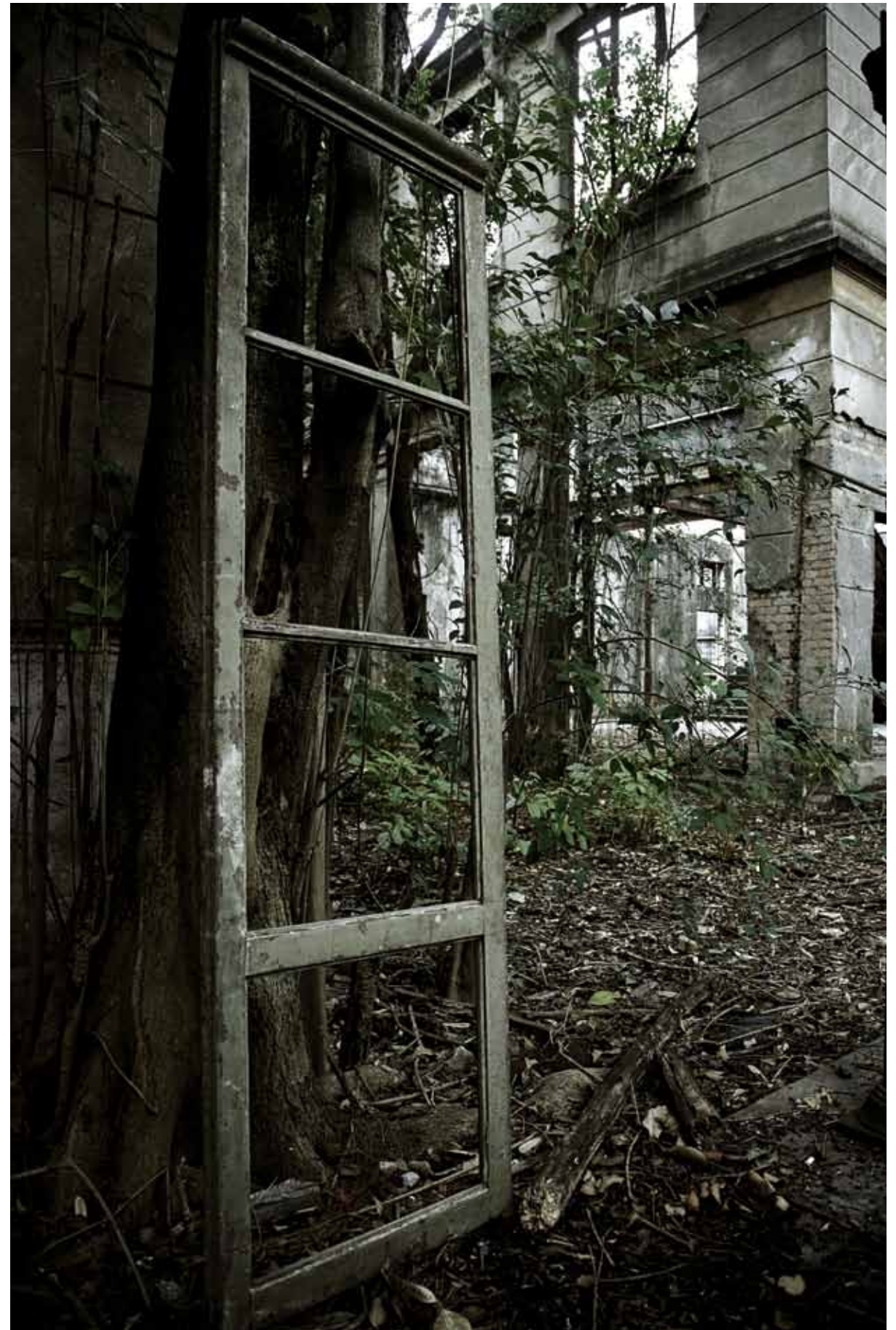
FOTOS EDSON LUCIANO TEXTO AMÁLIA SAFATLE

Desde que os meninos deixaram a sala de aula pela última vez, há mais de 40 anos, o corpo da velha escola da vila abriu-se definitivamente aos sinais do tempo. Abandono, vai pensar a maioria. Mas quem sabe tenha outros tipos de vida brotando lá, lançando raízes entre paredes e escadarias. A palavra é dignidade, posto que a seu modo conserva a memória cultural do passado, sem medo da transformação natural em curso.

Maria Zélia, morta por tuberculose quando adolescente, deu nome à primeira vila operária do Brasil – construída a partir de 1911 –, onde casas e escolas ergueram-se no bairro paulistano do Belenzinho. O trabalho moveu aquela gente.

Hoje, a história é diversificada. Tem senhoras com lembranças frescas, tem arquiteturas preservadas, outras que as negaram com traços modernos. A escola de meninos atrai gente como o fotógrafo Edson Luciano, empenhado em fazer do local um cenário de dança, que dê origem a livro ou exposição. Aí a energia daquela meninada vai virar música, luz e movimento. 





O futuro no pretérito

Em uma sociedade obcecada pelo *high-tech*, a inovação, frequentemente, não passa de um reinventar da roda. É a “envelhação” mostrando que o futuro pode muito bem ser um velho conhecido

POR FÁBIO RODRIGUES FOTO LUCAS CRUZ

Luís Eduardo de Carvalho andava se sentindo incomodado. Consultor em inovação – ele dirige a Nodal Consultoria junto com mais dois sócios – e professor em cursos de alto nível, ele achava que havia qualquer coisa muito errada na obsessão desmedida por novidades que sentia nos alunos. “O termo ‘inovação’ carrega um juízo de valor. Se só o que é novo é bom, então tudo o que é velho é ruim?”, questionava-se, até que teve um lampejo de que era perfeitamente possível inovar voltando ao antigo. Fã de neologismos, ele cunhou o termo *envelhação* (envelhecimento + inovação) para dar conta da ideia.

“Não existe nada de novo sob o sol, mas a gente fica nessa dicotomia entre o novo e o velho”, justifica. E conta uma historinha vivida há pouco tempo para mostrar que a linha nem sempre é clara. Ele e um grupo de alunos gastaram dois dias inteiros em um exercício para a criação um modelo de negócios inovador na área de mobilidade urbana. Partindo dos moderníssimos sistemas de *car sharing*, começaram a sobrepor inovações adicionais até chegar ao seguinte resultado: uma empresa que buscasse o cliente onde ele estivesse e o levasse até onde ele quisesse e só cobrasse pelo trajeto

percorrido com ele. “Havíamos inventado o táxi”, diz, com uma pitada de autoironia.

CACOETES DA INOVAÇÃO

Olhar para o passado na hora de inovar chega a soar contraintuitivo. Culpa, segundo o professor Wilson Nobre Filho, de um cacoete da Revolução Industrial. “Existe o pressuposto de que a inovação tem de ser tecnológica”, diz Nobre, membro do Fórum de Inovação da FGV.

Para ele, essa é uma concepção tão falsa quanto achar que as inovações precisam ser inéditas. “Se fosse assim, haveria pouca inovação no mundo”, afirma, explicando que são o contexto e o resultado obtido que tornam uma ideia inovadora de fato. “Mesmo que eu reapique alguma coisa que já tenha sido abandonada há muito tempo, ela pode ser inovadora para o novo contexto”, garante. (*mais sobre inovação na reportagem “O gesto criador”, na edição 47*)

“A gente está fazendo esse resgate porque o mundo era mais sustentável no passado”, crava o arquiteto Marcelo Bueno, sem pestanejar. Em 1997, ele entrou em crise com sua profissão e decidiu viajar para a Austrália, onde tomou conhecimento do movimento da perma-

As empresas de *car sharing* alugam carros por períodos curtos e preços baixos para clientes que pagam uma taxa mensal. Os clientes têm quase os mesmos benefícios de ter um carro próprio sem ter de se preocupar com gasolina, manutenção, seguro etc.



cultura. Encantou-se de tal maneira, que se dispôs a fundar o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (Ipema), assim que voltou ao Brasil, em 1999.

Na fala de Bueno transparece a ideia de que ainda vamos descobrir a saída para a atual crise ambiental esquecida no fundo de algum baú. O diretor-geral do Instituto Tecnologia Intuitiva e Bio-Arquitetura (Tibá), Peter Van Lengen, é ainda mais assertivo ao afirmar que o mundo moderno está “matando o planeta”, e que o passado é a nossa salvação.

O Tibá foi fundado em 1987, para pesquisar e resgatar técnicas de construção tradicionais como taipa, bambu, adobe, entre outras. “Não estamos falando de coisas de baixa qualidade, mas de tecnologias ecológicas por natureza, culturalmente ricas e comprovadas pela história que o capitalismo apagou para ganhar dinheiro”, defende. “Uma casa moderna está cheia de formaldeídos e tintas que liberam toxinas e, para piorar, você fecha todas as janelas e liga o ar-condicionado, que libera bactérias nocivas. Depois não entende por que fica doente!”, exaspera-se, garantindo que seria possível evitar todos esses contratempores reaprendendo a usar os materiais de antigamente. (mais na reportagem “Muitas e boas”, na edição 35)

Bueno vê a questão de um ângulo um pouco diferente. “Nossa civilização inteira está baseada em recursos não renováveis. E se acontecer uma crise econômica ou ambiental em larga escala? O que o morador de uma grande cidade faria se os supermercados simplesmente não abrissem mais? Temos de estar preparados”,

preocupa-se. Por isso ele foi resgatar o estilo de vida das histórias de seu avô. “No tempo dele tudo era produzido localmente, os materiais de construção, a comida, a roupa, e tudo dava certo.”

MEDO DO DESCONHECIDO

Embora o trabalho do Ipema e do Tibá busquem a seriedade, não é todo mundo que concorda com essa linha de pensamento. O professor Nobre, por exemplo, alerta que essa é uma forma de inovação que pode travar outros avanços. “Pegar o que já funcionou no passado é uma forma de inovação meio grosseira. Não que seja errado, mas é algo que fazemos quando temos medo do desconhecido”, problematiza.

O professor da Business School São Paulo Humberto Mariotti saca do bolso o conceito de **segurança ontológica** para alertar sobre esse risco. De acordo com ele, quando o mundo passa a mudar muito, as pessoas tendem a se voltar para um passado idealizado, em busca de segurança. “Eu me rodeio de símbolos de estabilidade na tentativa de voltar para um mundo onde as coisas não eram tão destrutivas. Essa é uma reação mais sentimental do que prática”, esclarece.

Não significa que tudo o que cabe sob o guarda-chuva da envelhecimento trate a inovação com desdém ou esteja embebido em saudosismo. A realidade é mais complexa que isso e sobram casos em que envelhar um pouquinho é o pressuposto necessário para inovar de monte. José Bueno, diretor do Instituto Harmonia – que, entre outras

práticas, promove atividades para diminuir o fosso entre as gerações – usa a metáfora do arco. “Quanto mais você puxa a corda para trás, mais a flecha voa para a frente”, filosofa.

O caso do DescolaAí é paradigmático. Fundada em julho pelo empresário e ativista Guilherme Brammer, essa pontocom baseia seu plano de negócios no conceito de **consumo colaborativo** e oferece uma plataforma na qual seus usuários podem alugar ou trocar objetos.

Embora chegue ao mercado esbanjando novidade, Guilherme reconhece que, no fundo, seu site requebra uma prática antiga. “Tentamos resgatar algo que nossos avós já faziam, porque tinham uma vida mais colaborativa com a família e os vizinhos”, admite. Até o fim do ano, seu portal também investirá na volta do escambo. “Vamos lançar a troca de serviços: um marceneiro, por exemplo, pode trocar seu trabalho com um médico que esteja querendo reformar o consultório”, completa. (O banco de horas tem proposta similar, mais à pág. 8)

Um exemplo um pouco mais singelo vem de Serra da Canastra, em Minas Gerais, onde o agrônomo Alessandro de Oliveira deu um passo atrás para dar três ou quatro à frente. Há 12 anos ele vem fazendo experiências para aumentar a produtividade da cultura cafeeira na região. A ideia central é de uma simplicidade atroz: ele reduziu o espaço entre as fileiras de pés de café dos 3,5 metros usuais para 2,5 metros, para fazer caber mais plantas e aumentar o rendimento de 27 para 42 sacas por hectare. Só que isso tem uma “pegadinha”: os tratores

Há muita tecnologia em coisas que parecem estar na contramão da modernidade. Em Minas, produtor inovou ao trocar trator por mulas

não conseguem entrar na plantação. A solução? Mulas.

No começo, nem ele botava muita fé – tanto que comprou um **canhão**, que acabou encostado –, mas os animais saíram-se melhor que a encomenda. As mulas mantêm uma velocidade de 6 km/h, similar à de um trator, e custam 40% menos – uma economia de R\$ 611 por hectare. Não foi só trazer os animais e pronto. Foram precisos cinco anos para aprimorar os maquinários puxados pelas mulas. “Quando começamos, os equipamentos para as mulas eram muito rudimentares, e a gente precisou evoluir isso”, explica Oliveira, contando que todos os desenvolvimentos foram feitos por mecânicos da região.

Wilson Nobre ressalta que tem muita tecnologia embarcada em uma porção de coisas que estão, à primeira vista, na contramão da modernidade. É o caso da agricultura orgânica. Mesmo que ignorem um bom bocado das práticas e produtos da agricultura convencional, os orgânicos nada têm de rudimentar. “A natureza possui sistemas de pro-

▲ A noção de consumo colaborativo nasceu nos Estados Unidos como resposta ao consumismo exacerbado. Parte da constatação de que uma boa parte dos produtos fabricados acaba subutilizada, e dividi-los entre mais de uma pessoa seria uma forma de combater o desperdício. Uma furadeira, por exemplo, é usada, em média, entre 6 e 13 minutos durante toda sua vida útil

▲ Um canhão é um aspersor de grande porte que borra água a grandes distâncias e pode ser usado para irrigar ou distribuir defensivos em lavouras

▲ Conceito criado pelo sociólogo britânico Anthony Giddens para descrever como as pessoas tendem a valorizar a estabilidade e a continuidade de experiências e, por consequência, rejeitar mudanças



A percepção é "já vi isso antes". Mas, como em uma espiral, a evolução se dá de forma circular, porém não no mesmo plano

Das palavras gregas *bíos* (vida) e *mimesis* (imitação), a biomimética procura compreender como as estruturas biológicas funcionam para, depois, reproduzi-las. O velcro, por exemplo, foi criado nos anos 40 por um engenheiro suíço que se inspirou nas sementes de uma planta que ficavam grudadas em suas roupas durante suas caminhadas pelos Alpes

atividade estupidamente mais eficazes do que os nossos”, diz, apontando os avanços da **biomimética** (mais sobre biomimética na reportagem “O que a natureza faria?”, na edição 26) “Estudando a natureza é possível que a gente redescubra coisas que as sociedades antigas usavam, mas sem ter a ciência para explicar como funcionava”, elabora.

O professor descreve a situação usando a metáfora da espiral. Para ele, a evolução acontece em movimentos circulares, mas não no mesmo plano. Ao olhar para baixo, vemos coisas familiares se alinhando, mas sempre de outra perspectiva. “Você vai e diz ‘já vi isso antes’, mas, mesmo que a gente volte a descobrir o valor de um monte de coisas do passado, vamos usar de formas diferentes”, assegura.

Em outra área, a bióloga Tamara Azevedo recorre à mesmíssima metáfora ao explicar o seu trabalho na Co-Criar, consultoria que ajuda organizações lançando mão de processos participativos. “Uma das coisas que fazemos é sentar as pessoas em círculo para exercitar a escuta. Isso

é visto como inovação, mas os indígenas fazem o mesmo há milênios”, comenta, acrescentando que o modelo foi adaptado para a realidade de hoje. “É uma espiral”, ecoa.

O consultor e professor da Fundação Dom Cabral Paulo Ferreira Vieira conta que está prestes a colocar à disposição dos altos executivos paulistanos uma inovação importada diretamente das tribos da África Subsaariana. “Eles têm uma coisa chamada Casa da Palavra, aonde vão para conversar sobre os problemas da comunidade. Essas tribos têm muito claro que o problema de um afeta a todos. Já as empresas tem muita dificuldade em perceber isso”, diz.

Há anos, Vieira pinça exemplos das artes e da mitologia grega para apimentar suas aulas. “Para conseguir gerar mais interesse nos alunos, virei um contador de histórias”, resume. Segundo ele, os artistas envelham o tempo todo, ao reinterpretar obras do passado. “Mostro como os chorinhos do Jacob do Bandolim foram recriados pela Elizeth Cardoso e pelo violoncelista Yo-Yo Ma, para explicar como é possível inovar sobre um legado sem que isso o destrua”, explica.

O legado, no fim das contas, parece ser o núcleo da questão. O filósofo e poeta hispano-americano George Santayana estava com mais razão do que poderia imaginar quando disse: “Povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la”. [.zz](#)

NA VERSÃO DIGITAL DESTA REPORTAGEM EM FGV.BR/CES/PAGINA22, VEJA EXEMPLOS DE PRODUTOS DE “ENVELHAÇÃO” VENDIDOS EM LARGA ESCALA

[COLUNA]

Em meio a gerações

Ter filhos significa aumentar a população e seus impactos sobre o meio ambiente. Mas também pode ser a chave para envelhecer melhor

FLAVIA PARDINI*

Semanas atrás completei 40 anos. Nunca achei que, ao chegar a esta idade, o que me definiria seria ter ou não ter tido filhos. Talvez esta seja apenas uma das muitas coisas surpreendentes que acontecem quando a gente chega neste ponto da vida, nem criança nem velho. Coluna do meio.

Houve um momento, nos meus 20 anos, em que o tal relógio biológico falou alto e me fez, momentaneamente, entreter a ideia de procriar. A vida interveio, as ambições do trabalho, estudos, viagens e, finalmente, o comprometimento com a sustentabilidade.

Em geral, os ambientalistas e simpatizantes do movimento pela sustentabilidade gostam de prescrever um mundo com fertilidade em baixa, de modo a controlar a população e, com ela, os impactos sobre o meio ambiente. A autora e blogueira Stefanie Iris Weiss, por exemplo, lembra que ter um filho nos Estados Unidos aumenta em quase seis vezes as emissões de carbono de uma pessoa ao longo de sua vida. Não que, para começar, a pegada do americano médio – assim como de outros habitantes do mundo desenvolvido e dos que vivem na porção desenvolvida de países como o Brasil – seja pequena. De qualquer forma, reza a cartilha verde, os rebentos aumentam a pressão por água, alimentos e recursos em geral e objetos de consumo em particular. Se todos os filhos de cidadãos do mundo em desenvolvimento alcançarem o padrão dos americanos, o colapso baterá à nossa porta.

Foi nos meus 30 anos que a minha visão do assunto começou a mudar. Talvez porque, sem a intensidade dos 20, eu começasse a ver que crianças trazem renovação, que podemos preparar as novas gerações para responder aos desafios ambientais e que tais gerações provavelmente viverão em futuro bastante diferente do que conseguimos modelar com base no presente. Mais do que isso, talvez eu tenha percebido que, além do tal relógio



biológico, há dentro de nós uma parte que espera continuar vivendo em nossos filhos depois que nos formos da superfície da Terra. Apesar de todos os argumentos racionais sobre a tal bomba populacional, é como se estivéssemos “programados” para reproduzir.

Assim como com o meio ambiente, as visões sobre procriar ou não podem ser classificadas de igualitárias – aqueles que optam por não ter filhos em nome do interesse coletivo – e de fatalistas – os que acreditam que, como o colapso ambiental é inevitável, uma criatura a mais não fará diferença. Há também a grande maioria que, candidamente, atribui aos outros a tarefa de fazer algo para evitar os problemas causados pela superpopulação. Na Austrália, para onde me mudei aos 36, os casais que ganham neném recebem também um cheque de 5 mil dólares do governo. Conheço várias famílias com três ou quatro filhos e sem preocupação alguma com o impacto para sua pegada de carbono.

Pessoalmente o que me fez descer do muro e decidir em favor de uma família maior foi o passar dos anos. Aos 20 temos a consciência de que vamos morrer um dia, mas procedemos como se ela não existisse, assumimos riscos, gostamos de pensar que

vivemos perigosamente. Aos 30 estamos ocupados demais com trabalho, reputação, oportunidades. Aos 40 parece que finalmente olhamos para a frente e passa a fazer sentido procriar – será que, com a maturidade, vem um certo otimismo?

Cientistas sociais estudam o chamado paradoxo de envelhecer [\[1\]](#): o fato de que o envelhecimento, embora traga o declínio de várias habilidades importantes, está associado a um maior bem-estar. Uma das razões, apontam as pesquisas, é que os mais velhos extraem maior satisfação de suas relações sociais, especialmente com seus filhos e parentes jovens, e são capazes de resolver problemas interpessoais mais eficientemente. Podemos assumir que ter filhos e uma boa relação com eles faz parte de envelhecer bem.

Há uma coisa, porém, que ninguém nos conta e é difícil perceber antes de chegarmos nesse meio do caminho, à beira de envelhecer: nem sempre – ou melhor, quase nunca – estamos no controle. Eis que cá estou, aos 40 e sem filhos. Mas ainda esperando que a natureza – com uma mãozinha da tecnologia – me dê a chance de adicionar mais um às gerações futuras.

* JORNALISTA E FUNDADORA DE PÁGINA22

[1] Mais sobre o paradoxo de envelhecer em issues.org/23.2/carstensen.html

Onde mora o equilíbrio?

A demografia provoca reações díspares dos pontos de vista econômico e ambiental. A boa notícia é que desse embate emerge uma rica discussão sobre a qualidade do desenvolvimento a ser perseguido

POR DAVI CARVALHO FOTOS LUCAS CRUZ

No mês de outubro, o mundo “celebra” a chegada de seu habitante número 7 bilhões. A última comemoração parecida foi há apenas 12 anos, em 1999, quando nos tornamos 6 bilhões. Há algum tempo esse número crescente não é mais motivo de festa. Isso porque, segundo estimativas do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, a população mundial deverá chegar em 2100 a, aproximadamente, 10 bilhões de habitantes. A apreensão não ocorre apenas pela maior pressão esperada sobre os recursos naturais do planeta, mas também porque esse aumento se dará quase integralmente em regiões pobres da Ásia e da África, que hoje já não contam com assistência social adequada nem investimentos substanciais em saúde e educação.

Por outro lado, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, o problema é o oposto: a baixa fecundidade e o conseqüente envelhecimento da população. A grande dúvida é se a população ativa menor suportará, a longo prazo, o alto custo do envelhecimento, principalmente nos setores de previdência, saúde e assistência social. Temor que se acentua nos países em

desenvolvimento, uma vez que estes correm alto risco de as pessoas ficarem “velhas” antes de se tornarem ricas e com uma economia incapaz de sustentar as demandas sociais dessa nova configuração etária.

Esse dilema dominará as discussões sobre demografia e economia nas próximas décadas. Se, do ponto de vista econômico, o crescimento populacional é bem-vindo para manter a economia pujante, do ambiental há o impacto na capacidade do planeta de recarga de recursos. Onde está a razão? Provavelmente não no simplismo da opção por um dos extremos, e, sim, no equilíbrio dessa complexa inter-relação, que coloca – de novo – o papel do crescimento econômico e a qualidade do desenvolvimento no centro do debate.

UM SENHOR PAÍS

O Brasil é um dos países onde está em curso uma queda no número de nascimentos e o aumento da população com mais de 60 anos. Por aqui, o processo de redução das taxas de fecundidade teve início na década de 1970, e rapidamente declinou de cerca de seis filhos por mulher (em média) para menos de dois, no início deste século. Levando-se em conta essas tendências, a

perspectiva é de que a população estabilize seu ritmo de crescimento até 2040, podendo, segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passar a apresentar taxas de crescimento negativo após 2050, década em que o Brasil terá cerca de 30% da sua população com mais de 60 anos de idade, o equivalente a aproximadamente 66 milhões de pessoas.

No Brasil, essa transformação é de velocidade avassaladora. Para se ter ideia, as mudanças demográficas que, na Europa, demoraram mais de 100 anos para se consolidar, levaram, no País, apenas 30. “Isso trará problemas e desafios para políticas sociais e econômicas. Teremos inúmeros problemas associados ao baixo ritmo de crescimento populacional (*saúde, mercado de trabalho, Previdência Social*), fatores que hoje já são visíveis na Europa”, diz Ricardo Ojima, doutor em demografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Segundo especialistas, tendo em vista os desafios para atender as necessidades da população com mais de 60 anos, o País não pode se deixar surpreender. “Não dá para pensar que o problema só aparecerá na metade do século e que cuidados paliativos resolverão. Melhora adequada da saúde, educação de boa qualidade e assistência social desde a infância serão fundamentais para que os idosos sejam saudáveis e dispostos a trabalhar por mais tempo antes de se aposentar”, defende a pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (Nepo), da Unicamp, Zoraide Amarante Itapura de Miranda.

O impacto do envelhecimento sobre o Sistema Único de Saúde (SUS) deve ser mais um custo elevado a recair sobre as próximas gerações, uma vez que os serviços são totalmente públicos e universais. Mas, assim como a Previdência, o SUS deve ser entendido como uma ferramenta importante na promoção do bem-estar e de cuidados paliativos. Se o sistema apre-

senta deficiências, também tem pontos importantes, como o programa Saúde da Família e a distribuição de medicamentos gratuitamente.

A busca de recursos para adequar o programa será intensa nas próximas décadas, já que serão necessários constantes investimentos em tecnologia, na prevenção e na contratação e qualificação de profissionais para atender uma população de perfil envelhecido. *(mais sobre prevenção em quadro à pág. 44)*

PACTO ENTRE GERAÇÕES

Ao contrário do senso comum que se tem no Brasil, previdência não é poupança. A regra que rege esse enorme sistema é baseada na solidariedade entre gerações, de forma que uma paga a aposentadoria da outra. Esse compromisso de responsabilidade entre futuro e passado, no entanto, aumenta o receio de que o sistema previdenciário desmorone em consequência do aumento significativo no número de segurados e da redução dos contribuintes em virtude da queda na taxa de fecundidade.

Tecnicamente, o regime financeiro da Previdência brasileira resume-se à lógica da repartição simples, em que prevalece a necessidade de arrecadar para conseguir pagar os benefícios. A Constituição de 1988 estabelece que é direito de todo cidadão e obrigação do Estado o acesso à saúde e à Previdência Social. Por isso, os jovens do futuro terão de buscar alternativas para cumprir seu papel nesse circuito.

Mas nem todas as vozes são pessimistas. Eduardo Fagnani, doutor em Ciências Econômicas pela Unicamp, acredita na formação e no desenvolvimento de novas fontes de financiamento, como o Fundo Soberano Brasileiro, criado para gerenciar os recursos da exploração da Bacia do Pré-Sal, que deverão compor uma poupança para custear despesas sociais, entre as quais as da Previdência e da Saúde.



Mudanças demográficas que na Europa demoraram mais de 100 anos para se consolidar, no Brasil não levaram mais do que 30

É importante considerar também que, apesar do processo de envelhecimento pelo qual a população brasileira deve passar na primeira metade deste século, o país está sendo agraciado com o que os demógrafos chamam de “janela de oportunidade demográfica”. Segundo a Divisão de População da ONU, esse período é uma espécie de bônus demográfico, que se inicia quando a porcentagem da população de crianças e adolescentes (0-14 anos) fica abaixo de 30% e termina quando a população com mais de 65 anos representa mais de 15% do total do país.

A seguir esse conceito, a janela brasileira deve fechar-se perto do ano 2040. Até lá, a população ativa brasileira seria suficientemente grande para contribuir com trabalho, recursos e ideias alternativas para viabilizar o financiamento das aposentadorias.

Fagnani defende que a população ativa brasileira será importante na equalização do problema e acredita que recursos de outras áreas podem compensar os gastos maiores com saúde e aposentadoria. “Haverá ainda um arrefecimento dos gastos com educação para crianças e jovens (*cuja fatia será numericamente menor*) que podem ser canalizados para a Previdência. Mas, principalmente, a capacidade de manter as aposentadorias futuras passa por opções macroeconômicas, que garantam crescimento com geração de emprego e renda”.

Essa argumentação baseia-se na tese de que investimentos em saúde, educação e qualificação de jovens e adultos podem torná-los menos dependentes do Estado no futuro. Fagnani explica que, durante o período do bônus demográfico brasileiro, é importante que as pessoas trabalhem para aumentar suas rendas, mas para isso defende o crescimento contínuo da economia

como catalisador desse movimento de enriquecimento.

O raciocínio do pesquisador é o de que, se a economia crescer e gerar emprego e renda, haverá uma etapa prévia de “enriquecimento” antes da velhice. Isso, junto com a educação, tornaria os idosos menos dependentes da proteção social do governo, mitigando a pressão sobre o orçamento da Previdência. “Se isso não for suficiente, em 2050 também poderemos utilizar parte do Fundo Soberano capitalizado por mais de quatro décadas, seguindo o exemplo de diversos países, como a Noruega”, diz Fagnani.

O PAPEL DO CRESCIMENTO

Garantir direitos sociais a cidadãos tem um custo que pode ser bancado por meio do incremento do PIB. “Sem crescimento é inviável”, acredita o professor Fagnani, ao citar o exemplo: nas últimas décadas do século passado, a Previdência incorporou cerca de 8 milhões de pessoas com direitos estabelecidos pela Constituição, mas as receitas da Previdência não estavam no mesmo ritmo, porque a economia não evoluía mais que 2%. “Se crescêssemos a 4% naquela época, a situação hoje seria muito mais cômoda”, argumenta.

O tabu da natalidade

Alternativas como o controle de natalidade compulsório, como a política do filho único da China, tem perdido adeptos, porque se mostra nocivo a longo prazo, com reflexos sobre a economia e os sistemas de saúde e previdência. Sem falar em redução de liberdades, embora a ideia de que será necessário incluir mais 3 bilhões de pessoas até o fim do século assuste. Hoje já existe um número de pessoas próximo a esse sem acesso a bens de consumo essenciais – como alimentação, moradia, serviços de educação e saúde –, que precisam ser acolhidas e incluídas.

Hugo Ferraz Penteadó, economista-chefe do Santander Asset Management, é um dos poucos que defendem abertamente mudanças imediatas. “Estamos caminhando para um colapso populacional. Já há sinais de esgotamento no planeta. Se não determinarmos o tamanho da população, a natureza fará a correção, contra a nossa vontade.” Para Penteadó, “a população humana não pode crescer infinitamente num espaço finito, ecologicamente vulnerável, do qual todos nós dependemos para sobreviver e viver”.

Já o professor Ricardo Ojima, da UFRN, vê no próprio crescimento econômico uma chave para a redução da fecundidade: “Mesmo os países que não adotaram políticas compulsórias tiveram redução no crescimento populacional. O Brasil foi um dos países que se recusaram a forçar o controle da natalidade em sua população e as taxas de fecundidade aqui se reduziram rapidamente (30 anos)”. Essa redução, segundo ele, pode ser creditada principalmente à urbanização, ao maior acesso de mulheres à educação, a políticas de incentivo ao uso de métodos contraceptivos e à queda da mortalidade infantil.



Baixando a pressão

A ampliação de políticas públicas centradas na prevenção de doenças reduziria de forma significativa o impacto sobre os sistemas de saúde e de previdência de uma população envelhecida – é o que demonstra Cristina Guimarães Rodrigues, em tese de pós-doutorado em demografia pela USP.

A pesquisadora criou cenários acerca do efeito das mudanças demográficas sobre as internações hospitalares. No mais otimista, o aumento do número de internações seria de, aproximadamente, 22% em relação às internações de 2007. Já em um cenário mais pessimista prevê um expressivo crescimento de até 350% no número de hospitalização de idosos com idade acima de 80 anos.

Ela explica que o envelhecimento populacional é acompanhado de um crescimento da incidência de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e as do sistema circulatório, que necessitam de tratamentos mais caros, que duram a vida toda e se caracterizam pelo acompanhamento médico regular. “Isso exerce uma enorme pressão sobre os gastos governamentais, porque as internações públicas representam 70% de todas as hospitalizações no País, além de consumir mais da metade do montante de recursos destinados à Saúde”, diz. Seus estudos apontam que os gastos destinados à Saúde crescem nos últimos meses de vida à medida que a morte se aproxima. Daí a importância dos cuidados preventivos.

Para Zoraide Amarante Itapura de Miranda, pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (Nepo), a utilização da experiência, da mão de obra e da capacidade cognitiva do idoso em diferentes áreas pode retardar a entrada das pessoas nos sistemas de previdência e também requerer menos recursos do sistema público de saúde, porque a pessoa continuaria ativa mesmo com a idade avançada. Segundo ela, também ocorrerão novas oportunidades no mercado de trabalho, tanto nas áreas ligadas aos cuidados dos idosos, como medicina e enfermagem, quanto no surgimento de profissões específicas para empregá-los.

Já para o economista-chefe do Santander Asset Management Hugo Ferraz Penteado, a alternativa para a construção do futuro não pode depender do crescimento econômico contínuo, porque agravaria o ambiente em que vivemos, já exaurido pela população crescente em um economia intensiva em recursos naturais. Penteado não vê saída, a não ser pela possibilidade de uma mudança no modelo de desenvolvimento e nos hábitos e comportamentos das pessoas.

Apesar da dificuldade em visualizar que tipo de conformação terá a sociedade em relação ao consumo daqui a 40 ou 50 anos, essa é uma questão central que pode interferir na noção de crescimento como a conhecemos hoje. Ficam as perguntas: que perfil a economia terá na metade do século, em termos de intensidade no uso de recursos naturais e energéticos? Será que uma sociedade mais madura não desenvolverá uma nova relação com o ambiente e a noção de bem-estar, valorizando mais o conhecimento proporcionado durante a vida e buscando, sobretudo, qualidade, em vez de quantidade? Que rejeite o trabalho a qualquer preço e a busca incessante do crescimento para financiar esse consumo exacerbado de bens materiais?

Hoje não temos as respostas, mas estas são questões que podem alterar de maneira significativa comportamentos e valores da sociedade no futuro. Talvez seja a grande contribuição do envelhecimento para o novo tipo de desenvolvimento que é necessário perseguir.

[ARTIGO]

Pé na tábua | Embora algumas políticas desestimulem o uso, o mercado pode e deve usar da boa e velha madeira – desde que bem manejada – para reduzir emissões e combater o desmatamento **THIAGO HECTOR KANASHIRO UEHARA***

A madeira é um recurso natural renovável, abundante, reutilizável e reciclável. Surpreende, então, que a madeira seja preterida em favor de outros materiais como o aço e o concreto, cuja produção é intensiva em energia, recursos não renováveis e emissões de gases de efeito estufa (GEE).

A promoção do uso de madeira de florestas bem manejadas constitui uma sábia decisão. Muitos governos – europeus, dos Estados Unidos e do Japão – fomentam o uso de madeira. Contrariamente, outros restringem a sua utilização, por preferirem subsidiar setores econômicos mais influentes, ou pela dificuldade de garantir a origem dos produtos de florestas tropicais, como a Noruega e a Alemanha. É também o caso do estado de São Paulo.

De fato, o Brasil enfrenta barreiras para vender sua madeira nativa para países e governos com políticas de compras verdes. O sistema de comando e controle brasileiro ^[1], além de suscetível a fraudes, virou um obstáculo para esse mercado.

O governo paulista, por exemplo, apresenta um contraditório: enquanto o seu Programa de Contratações Públicas Sustentáveis procura inserir critérios socioambientais nas licitações, a **Política Estadual de Mudanças Climáticas** (Pemc) e o **Programa Município Verde Azul**

Iniciativa do governo paulista com o objetivo de descentralizar a política ambiental e estimular a competência gerencial dos municípios

receitam restrição e redução do uso de madeira, incluindo a nativa. Reduzir o consumo é uma atitude louvável, mas, quando a produção de um bem se faz necessária, é preferível empregar produtos derivados de recursos naturais renováveis – como a madeira – do que os fabricados com base em recursos não renováveis e altamente emissores de



GEE, como o cimento, aço e petróleo. O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) já em 1996 havia sugerido essa substituição.

A madeira é um material nobre e competitivo em relação a outros materiais de construção, dos pontos de vista técnico, estético e funcional, destacando-se pela sua beleza, durabilidade e por suas propriedades térmicas geradoras de conforto e economia, além de poder ser reutilizado e reaproveitado energeticamente. Contrariando ideias recorrentes, os edifícios de estrutura de madeira são relativamente seguros em casos de incêndio: a madeira é um material medianamente combustível e de baixa emissão de fumaça.

Mas os benefícios do uso da madeira não param por aí. Em termos de emissões globais de carbono, a madeira é um material de construção muito melhor do que os materiais como alumínio, aço e concreto. Ao substituir esses materiais, cada quilo de madeira aplicada reduz, em média, a emissão de 3,9 quilos de CO₂, segundo revisão publicada no último número da revista *Carbon Management*.

A vantagem torna-se ainda mais expressiva ao olharmos os números de um estudo publicado na revista *Environment Science & Policy*: na Nova Zelândia, um aumento de 17% no uso de madeira pode levar a uma redução de 20% das emissões de carbono provenientes da fabricação de todos

os materiais de construção. E no Brasil?

Faltam estudos sobre o setor madeireiro no Brasil, e as estatísticas de oferta e consumo precisam ser melhoradas. Mas sabe-se que os mercados de produtos florestais, inclusive os originários da Amazônia, podem ajudar a combater o vilão número 1 das emissões nacionais: o desmatamento.

Enquanto a legalidade no setor madeireiro ainda não se populariza, o uso de madeira com selos Cerflor ou FSC constitui via adequada. Os arquitetos, mestres de obras e engenheiros podem usar materiais mais sustentáveis do que o abusivo concreto armado, elemento do fetiche modernista. As escolas precisam reforçar o ensino do manejo florestal e da engenharia ecológica e, por fim, cabe aos políticos e técnicos avaliarem a aplicação dos instrumentos de políticas públicas, pois eles podem gerar resultados indesejáveis sob a ótica dos valores do desenvolvimento sustentável. De todo modo, qualquer aumento do uso de madeira deve vir acompanhado por aumento correspondente na área de floresta manejada a longo prazo.

Assim, a promoção do uso responsável de madeira manejada no Brasil pode ser uma medida simples e econômica para conservar florestas produtivas em pé e reduzir emissões de gases de efeito estufa.

GESTOR AMBIENTAL, PESQUISADOR DA FGV-EAESP NO CENTRO DE ESTUDOS EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNO E NO PROGRAMA CONSUMO SUSTENTÁVEL DO GVCS

[1] Mais em *Madeira de ponta a ponta: o caminho desde a floresta até o consumo* (2011), disponível em www.raa.org.br.

Marcados para morrer

A obsolescência programada tem-se tornado cada vez mais abusiva. A mudança de valores e a migração da economia de produtos para a de serviços são alguns antídotos para a sociedade descartável

POR NANDA BARRETO ARTE DIGITAL DORA DIAS

O aniversário de 110 anos de uma lâmpada – acesa – causou alvoroço em junho deste ano na cidade de Livermore, na Califórnia, Estados Unidos. Feita à mão pelo inventor Adolphe Chaillet para presentear o Corpo de Bombeiros local, a lâmpada de 60 watts foi festejada pelas ruas, conquistou posição no livro dos recordes e virou uma das principais atrações turísticas da região. Ganhou até página em rede social [1]. A notícia sobre a comemoração alastrou-se pelo mundo e acendeu uma série de questionamentos para milhares de consumidores. Se é possível uma lâmpada funcionar por tanto tempo, por qual razão modelos duráveis como este não estão disponíveis no armazém de cada esquina?

Talvez o criador da lâmpada tivesse essa resposta. Mas a vida de Chaillet não foi tão longa quanto a de sua invenção, e com ele morreu também a tecnologia que permitia a longevidade do filamento. No entanto, ainda que fosse possível reproduzi-la, dificilmente a lâmpada centenária sobreviveria à força de um acordo firmado na década de 1920 pelos fabricantes de lâmpadas. Ao se dar conta de que as pessoas consumiriam cada vez menos se o produto durasse mais, o setor protagonizou o

primeiro cartel mundial, vigente até hoje. De lá para cá, todas as lâmpadas que chegam às prateleiras já nascem marcadas para morrer no mesmo limite “xis” de horas.

A história desse cartel revela práticas industriais pouco claras, para não dizer obscuras, baseadas numa artimanha mercadológica conhecida pelo nome de obsolescência programada. A estratégia consiste na fabricação de produtos planejados para funcionar por um período curto, tendo de ser substituídos por outros mais modernos, em uma lógica dedicada a estimular o consumo constante – motor do capitalismo tradicional. O documentário produzido pela televisão espanhola RTVE, *Comprar, Descartar, Comprar: a história secreta da obsolescência programada*, conta bem essa prática empresarial desde os anos 1920. [2]

Ao longo dos anos, a obsolescência programada tem-se tornado cada vez mais abusiva. De um lado, a indústria justifica: o consumo não pode parar. De outro, a população dá de ombros: o ato de consumir está tão arraigado que é considerado absolutamente natural pela maioria. Mas há uma terceira via – o coro dos descontentes que, aos poucos, impulsiona alternativas. Trata-se, principalmente, de iniciativas voltadas para uma revisão de padrões e hábitos de consumo.

[1] A lâmpada está em [facebook.com/livermorecentenniallightbulb](https://www.facebook.com/livermorecentenniallightbulb)

[2] Resultado de três anos de investigação, o trabalho foi rodado em cinco países e está disponível em [vimeo.com/23524617](https://www.vimeo.com/23524617), em espanhol.



De acordo com o professor Hélio Silva, autor do livro *Marketing: Uma visão crítica*, esse movimento também tem forçado o mercado a repensar sua atuação, até hoje baseada na velha ideia de que os recursos naturais são infinitos. A tendência, nesse sentido, é ampliar a oferta de serviços e diminuir a quantidade de artigos fabricados. Essa nova economia estaria cada vez mais centrada em “processos” do que em “produtos”, valorizando o conhecimento e a criatividade. Exemplo: quando se vende o serviço mobilidade por meio de um *car sharing*, em vez de vender o produto carro, o mercado não vê mais vantagem na obsolescência. Ao contrário, o interesse passa a ser de que o carro compartilhado dure mais tempo.

“Tecnologia também é conhecimento e esse é o grande capital da atualidade. Isso significa dizer que não é necessário ampliar a produção e, sim, aprimorar a qualidade do que já temos. Ou seja, desenvolver tecnologias menos impactantes ambientalmente e que cumpram com alguma função social”, reforça Silva, que leciona publicidade no Senac-SP.

O professor acredita que a guinada das empresas só virá com pressão social. Para ele, as organizações continuam agindo como há 50 anos, porque se movem pela oportunidade de negócios e até agora tem sido muito rentável apostar em produtos. Se duas ou três empresas dominam cada segmento do mercado, a margem de saída para o consumidor fica praticamente suprimida.

“O que vislumbro é a organização da sociedade civil em iniciativas conjuntas”, defende.

MULTIDÃO INSATISFEITA

Apaixonada por tecnologia, a socióloga e jornalista Brunna Rosa viveu dias amargos com seu iPhone no mês de agosto. Após identificar que o aparelho não emitia sinais vitais, a moradora da capital fluminense buscou o auxílio da marca fabricante. “Imagine a minha surpresa ao descobrir que a Apple não se responsabiliza pela assistência técnica dos iPhone. Produzem o material, mas, segundo eles, esse é um problema das operadoras. É surreal”, reclama.

Indagada sobre a durabilidade de seus produtos, a Apple Brasil afirmou que “não tem porta-vozes que possam conceder entrevistas” e sugeriu que a reportagem visitasse uma página web sobre a relação da empresa com o meio ambiente. Enquanto isso, Brunna constatou que enviar o aparelho para o conserto também não traz nenhuma vantagem econômica: o custo seria de R\$ 813, ante R\$ 900 por um aparelho novo.

O último levantamento realizado pelos Procon em todo o País, referente a 2010, revela que o problema vivido por Brunna é experimentado por uma multidão de brasileiros. O segmento aparelho celular foi o campeão no ranking geral de protestos, representando 32% dos 67 mil casos analisados. Os três principais alvos de

O custo dos fabricantes de lidar com os resíduos de seus produtos precisa superar o lucro que obtêm com a obsolescência programada, diz o Idec

contestação são garantia, defeitos de fabricação e falta de peças para a reposição.

A coordenadora do Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), Lisa Gunn, acredita que a legislação vigente salvaguarda os direitos dos consumidores individualmente, mas que minimizar os danos ambientais impostos pelo consumo excessivo é uma atitude que passa, necessariamente, pelo bolso das empresas. “Percebemos que o mercado incorporou o discurso da sustentabilidade a seu favor, mas pouco ou nada está sendo feito na prática. Os fabricantes precisam arcar com as consequências ambientais dos seus produtos e esse custo precisa ser maior do que o lucro que eles têm com a obsolescência programada”, afirma.

Na avaliação de Lisa, a nova Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) – em vigor desde agosto de 2010, após tramitar por duas décadas no Congresso Nacional – pode trazer avanços do ponto de vista do uso e consumo mais racional de recursos naturais e energéticos. “Temos expectativa de que seja implementada a **logística reversa**”. Não adianta o fabricante simplesmente pintar de verde aquilo que produz. Queremos que chegue o tempo em que as empresas deixem de lançar um novo produto a cada seis meses e se dediquem a formular novas funcionalidades para um mesmo produto”, diz.

A reportagem buscou entrevistar representantes da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos e das marcas Nokia, LG, além da Apple, sobre a obsolescência programada – mas sem sucesso.

RECICLAGEM E REÚSO

Enquanto a mudança de valores e de comportamento em relação ao consumo leva tempo para se firmar, algumas iniciativas ao menos contribuem para diminuir o impacto de tanto resíduo gerado. Segundo estimativa do Pnuma, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, cada brasileiro descarta 0,5 quilo de lixo eletrônico por ano, o que nos colocaria na triste posição de país, entre os emergentes, que mais produz esse tipo de resíduo *per capita*. O agravante de conter metais pesados coloca o lixo eletrônico na lista dos produtos mais difíceis de reutilizar.

O atrativo financeiro, no entanto, seduz catadores de materiais recicláveis, que muitas vezes deixam a seguran-

ça com a própria saúde e o meio ambiente em segundo plano, abrindo equipamentos eletrônicos “na base da marretada” para extrair peças valiosas. “Veja o caso dos monitores de computador. O catador sabe que lá dentro tem fio de cobre, que tem um valor elevado no mercado. Mas ignora a existência de cádmio, fósforo, chumbo, mercúrio e platina, entre outros”, ressalta a engenheira química Araci Musolino, coordenadora de projetos do Instituto GEA – organização que trabalha com educação ambiental e apoio à implantação de coleta seletiva. [3]

De olho nessa realidade, o GEA e o Laboratório de Sustentabilidade da Universidade de São Paulo criaram o Projeto Eco-Eleto, que capacita catadores organizados em cooperativas na Grande São Paulo a tratar o equipamento eletrônico de maneira mais segura e rentável. Inaugurada em abril deste ano, a iniciativa já traz bons frutos e diversas cooperativas da região estão atuando de acordo com os conhecimentos adquiridos na sala de aula.

GAMBIARRA QUALIFICADA

Desmistificar o uso de equipamentos tecnológicos é uma das propostas do movimento MetaReciclagem. Trata-se de um grupo de pessoas que têm uma relação artesanal com a tecnologia: nas mãos deles, artigos como cafeteiras, tampas de panela e videocassetes podem dar origem a um computador de última geração. “Não tratamos de “reciclagem”, objetivamente, mas de “reúso” de equipamentos. E isso surge como uma resposta à obsolescência programada”, explica Felipe Fonseca, um dos fundadores da rede.

A propriedade intelectual do desenvolvimento tecnológico está no centro da discussão proposta pelo movimento. A existência de códigos e procedimentos industriais não permite que o usuário faça adaptação de produtos de acordo com suas necessidades. Uma das consequências desse modelo é que a maioria da população ainda considera a tecnologia uma caixa-preta, um bicho de sete cabeças.

De um lado a indústria mantém seus códigos de programação guardados a sete chaves no quarto escuro das patentes tecnológicas. De outro, a lâmpada centenária de Livermore nos sugere que é fundamental manter a teimosia acesa. [2]

Um dos pontos mais polêmicos da PNRS, a logística reversa dispõe sobre a gestão dos resíduos e fixa regras claras para o retorno de produtos e embalagens ao seu centro produtivo ou descarte, considerando o cuidado com o meio ambiente




[3] O Instituto GEA responde a dúvidas da população sobre lixo, coleta seletiva e reciclagem. (11) 3058-1088 ou institutogea@uol.com.br



Recycle-se

“**A** princípio eu queria ser lançado no espaço, mas isso parece ser bem mais útil”, escreveu um internauta. Sim, sentir-se útil é uma das maneiras válidas de encarar a morte numa boa, já que – o clichê é tão inevitável quanto ela própria – trata-se do único dado certo neste mundo de incertezas. O assunto em questão é a urna feita de casca de coco e material biodegradável, na qual nossos restos mortais poderão ser depositados junto com sementes a fim de fornecer adubo a uma árvore que sobre nós germinará – ou qualquer outro tipo de planta, a escolher.

O criador da Urna Biodegradável é o *designer* basco Martín Azúa, que vive em Barcelona, e tem predileção por usar processos naturais na arte que produz. Eis aí um modo singelo de terminar/começar a vida. – POR AMÁLIA SAFATLE 



Cada
garrafa
tem uma
história.

Tião Santos

Tião cresceu vendo a família trabalhando duro no lixão. Acreditou num futuro melhor e hoje é o presidente da associação dos catadores do Jardim Gramacho. “Quando fundei isto aqui, debocharam da minha cara, todo mundo dizia que não ia dar certo. Se você quer algo, todo dia tem que acordar e dormir com seu objetivo na cabeça.” Com o apoio a histórias como a do Tião, há 15 anos, a Coca-Cola Brasil contribui para alavancar os índices de reciclagem no país. Hoje, são mais de 200 cooperativas apoiadas com equipamentos e capacitação em gestão, gerando inclusão social e renda para milhões de famílias. Como diria o Tião, é apenas o início de uma história sem fim.

“Onde existia fim,
eu vi um começo.”



Veja por que Tião acredita em um mundo melhor em vivapositivamente.com.br

Não é de hoje que o Itaú constrói o banco mais sustentável para você :-)

Para uma relação ser longa, ela precisa ser transparente.

Em 2004, nós fomos o primeiro banco a falar do Uso Consciente do Crédito e em 2009 do Uso Consciente do Dinheiro.

Também fomos pioneiros em convidar você para um diálogo aberto, criando o Ouvir Você em 2005.

Hoje, temos mensagens nos caixas eletrônicos e na internet que avisam toda vez que você vai entrar no cheque especial.

Criamos alertas por sms para você acompanhar melhor suas movimentações financeiras.

Também desenvolvemos um Orientador de Crédito, para te ajudar a escolher os produtos mais adequados às suas necessidades.

Resumimos contratos e deixamos as faturas dos cartões de crédito mais simples, dando destaque aos juros e aos encargos.

Tudo o que nós fizemos e continuamos a fazer reforça o nosso compromisso de ser o banco mais sustentável para você.

Como você pode ver, o mundo muda.

O que não muda é o respeito do Itaú por você.

Conheça as novas iniciativas em: itau.com.br/pravc



Acesse
o QR code
e saiba
mais em
itau.com.br/pravc

Itaú. Feito para você :-)

Itaú